

arcádia

MARIA-É-REI

FERNANDO
LOPES



-3Lopes, F

Sebastião Rodrigues

Colecção **AUTORES PORTUGUESES** **24**

António A. L. de Araújo

Colecção AUTORES PORTUGUESES

- 1 — MUDANÇA — Vergílio Ferreira — 2.^a Edição
- 2 — EU QUERIA VIVER — Manuel do Nascimento — 2.^a Edição
- 3 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Rogério de Freitas
- 4 — AS ESCARPAS DO MEDO — Luís Cajão
- 5 — ADOLESCENTE AGRILHOADO — José Marmelo e Silva — 2.^a Edição.
- 6 — ELÓI — João Gaspar Simões — 3.^a Edição
- 7 — TANTA GENTE, MARIANA — Maria Judite de Carvalho — 2.^a Edição
- 8 — BASTARDOS DO SOL — Urbano Tavares Rodrigues
- 9 — O CAIS DAS COLUNAS — Tomaz Ribas
- 10-11 — AS REGRAS DO JOGO — Vasco Branco
- 12 — A GRAVATA BERRANTE — Artur Portela, Filho
- 13 — O HOMEM E O SARDÃO — Garibaldino de Andrade
- 14 — O LIVRO DAS SOMBRAS — Mário Braga
- 15 — HISTÓRIAS DE MINEIROS — Manuel do Nascimento
- 16-17 — NO FUNDO DESTE CANAL — Alfredo Margarido
- 18 — SANGUE NA MADRUGADA — Rogério de Freitas
- 19-20 — A PORTA DOS LIMITES — Urbano Tavares Rodrigues — 2.^a Edição
- 21 — NATUREZA MORTA — José-Augusto França — 2.^a Edição
- 22-23 — O SIGNO DA IRA — Orlando da Costa
- 24 — MARIA - É - REI — Fernando Lopes

EDITORA ARCÁDIA LIMITADA
Travessa de S. Paulo, 7-3.º — LISBOA 2

livros de bolso

arcádia



**Fernando
Lopes**

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 57033

Renner

Barcelonense

**MARIA-
- É - REI**

Legado
Antônio A. L. de Araújo

TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO

Praça do Exército Libertador, 114

PORTO

A

Alberto Andrade

Luís Fortuna de Carvalho

Romeu Correia

Do
António Araújo -
velho amigo das horas de infância
e adolescência em Barcelos -
Fizeste este livro que a ami-
gão de Fernando Lopes me

Luís Fortuna de Carvalho

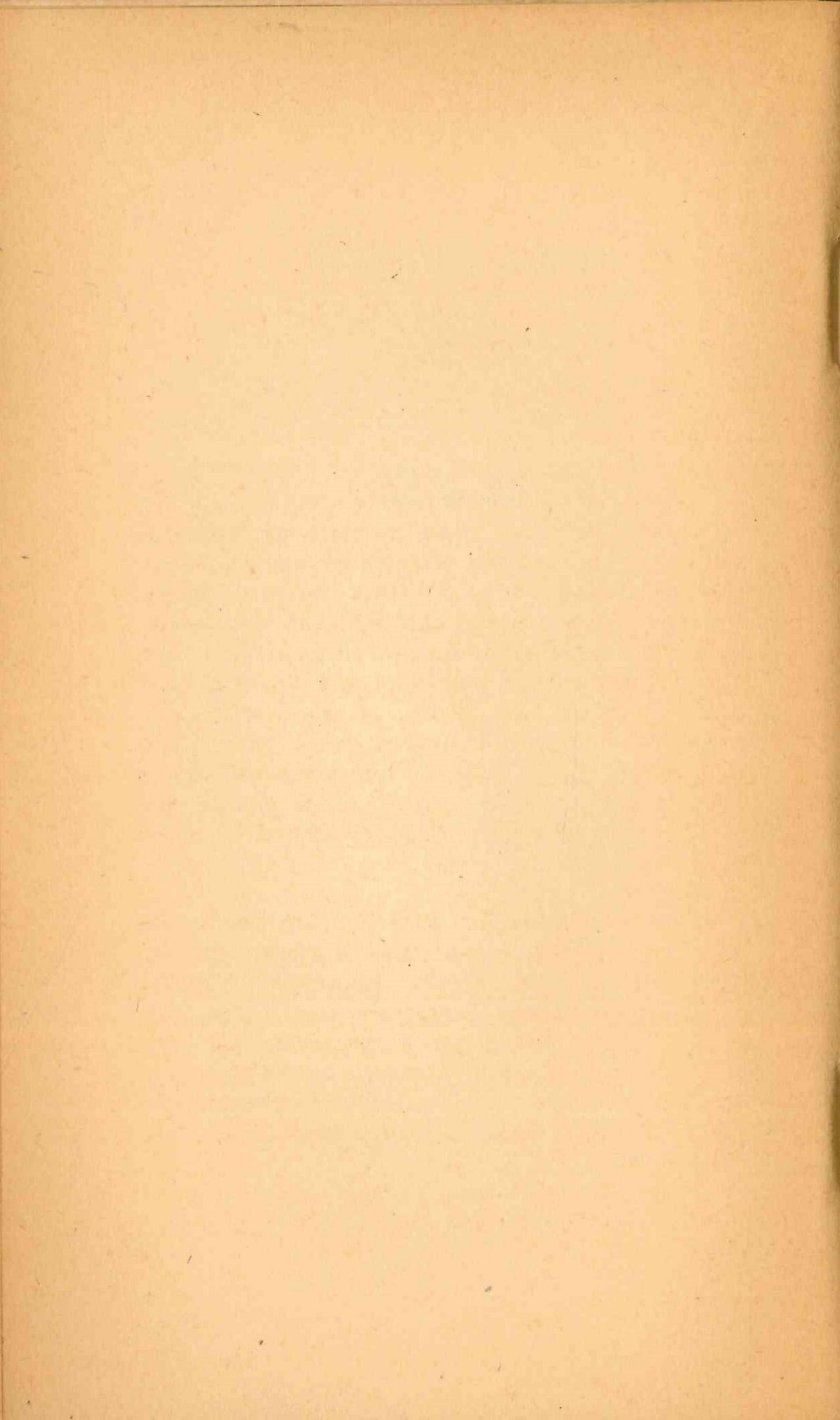
14.º Junho de 1961

OBRAS DO AUTOR

CONFLITOS — Contos — 1957

MARIA - É - REI — Contos — 1961

M ã E



Quatro mulheres : a mãe e três filhas. Não há homem em casa. Eram meninas as raparigas quando o pai morreu. Agora só a mais velha, Ana, se recorda dele. As irmãs mais novas sabem apenas que todas as noites, ao deitar, devem rezar pela alma do pai. Nunca sofreram, por isso, a dor da sua ausência. A dor ficou com Maria, a mãe viúva : só ela conheceu o sabor das lágrimas choradas numa grande cama vazia ; só ela abafou tentações em noites compridas e solitárias. Toda a gente sabe que mulher sem homem não é o mesmo que homem sem mulher.

É noite, uma noite sem luz eléctrica, noite num recanto de aldeia pobre e esquecida. As quatro mulheres cearam e aquecem-se agora a um foguinho sem labareda, mortiço, de borralho. Estão silenciosas e cansadas de mais um dia de lida. Na cozinha acanhadíssima é um negrume que o borralho mal atenua. As duas raparigas mais novas breve cabecearão de sono.

E a mãe diz :

— Rosalina, trata de ir para a cama mais a tua irmã.

As duas filhas levantam-se no escuro. Estão habituadas e os seus movimentos são naturais como se levassem o cochicho diante dos olhos; mas a mãe, à cautela, abeira-se do borralho, que lhe inunda de vermelhão o rosto ainda belo, e acende a ponta duma faúlha. Uma chaminha hesitante risca o negrume e vai incendiar a torcida do cochicho. Os rostos das quatro mulheres enchem então o aposento.

Lá de fora, da noite, nem um ruído, nem um bater de asa de morcego. Tudo quieto e misterioso; parece que já toda a aldeia dorme.

A mãe, ainda para as filhas mais novas :

— Não se metam na cama sem rezar. Rezai pelo vosso pai, filhas.

Passa-lhes a luz e as raparigas encaminham-se, ensonadas, para a cama.

É outra vez escuro no aposento. O lume vai morrendo, o tempo passando, e as duas mulheres, a mãe e a filha Ana, não falam. Um mocho pia fora, na noite quieta. É um pio breve e assustado.

— Ouviu o mocho, mãe? Há um ror de tempo que lhe dá para piar todas as noites à nossa porta.

— Eles não têm outra voz, filha — diz a mãe. — Não podem piar de outro modo.

— Mas podia ir piar para outra banda, mãe!

— Pode ser que este mocho não seja o que piou ontem. Sabes bem que há muitos mochos.

A mãe chega-se mais ao borralho e procura avivá-lo. Ana faz o mesmo. E ambas ficam muito juntas, quase curvadas sobre o lume, tentando acomodar os pés descalços na

pedra morna da lareira. Os seus cabelos, intensamente iluminados, parece arderem. Do quarto das raparigas escoá-se o gemer monótono da reza: «Santa Maria, Mãe de Deus... Salve Rainha, Mãe de Misericórdia...» A mãe parece esperar que as filhas acabem de rezar. E assim é. Acariciando o silêncio perturbado agora apenas pelo crepitar das brasas, ouve-se de novo a voz sossegada e mansa da mãe:

— Filha, tu bem sabes dos sacrifícios que tenho feito para vos criar às três. São tantos sacrifícios que nem contados.

— Eu sei, senhora. Sei muito bem.

— Tenho-me sacrificado que nem fazes ideia. Tenho amargado para fazer de vós três mulheres de juízo.

— Eu sei, mãe. Sei muito bem.

A mãe faz uma pausa.

— Olha, levanta-te e vai ver se as tuas irmãs já dormem. Não quero que elas ouçam. E traz a luz.

Ana levanta-se e vai ao quarto das irmãs, que já dormem. Volta, sem fazer o menor ruído.

— Já dormem, mãe.

— Elas podem dormir — diz a mãe. — Não têm consumições. Senta-te outra vez aqui ao pé de mim; inda não nos vamos já deitar.

— Temos assim muito que falar, mãe?

— Temos, Ana. Senta-te.

— Acendo a luz?

— Não, não acendas.

Ana alapa no mesmo mocho. As suas mãos buscam o calor do lume. Ana sabe que a mãe lhe vai falar no namoro; é assim há muitas noites.

Outra vez a mãe :

— Filha, tu já és uma mulher... tenho de contar-te muitas coisas para teu bem...

E Ana :

— Senhora... eu já sei no que a senhora vai falar... É dele, é.

— É... É isso mesmo, filha. Tenho de te falar...

— Pois então fale, mãe.

Mas a mãe cala-se. Imitando o gesto de Ana, leva também as mãos até mais perto do lume; os seus olhos parecem fascinados pelo fogacho quase morto; parece esquecida de que disse à filha que ia contar-lhe muitas coisas para seu bem. O silêncio, incómodo, estira-se. E Ana começa a inquietar-se com a postura da mãe. Quando a mãe ralha, violenta, Ana não a teme. E agora, porque sabe que ela não vai ralhar, Ana sobressalta-se. Sabe que os modos sossegados e a voz doce, compreensiva, são coisas da senhora sua mãe em raríssimos momentos. Não vai assim há anos e Ana tem ainda vivo na ideia um dia em que também a mãe procurou modos iguais para lhe falar. Ana era então quase uma menina, o seio, pequenino, despontava, e não esperava que aquilo lhe acontecesse... Mistérios que ainda ninguém lhe havia desvendado, que ninguém lhe prevenira. E em face do inesperado, Ana só soube ficar muito quieta, muito pasmada, o coração num baque, sem atinar com o significado daqueles riscos caprichosos de sangue morno e silencioso a deslizar-lhe na alvura das coxas. Uma vergonha indizível e instintiva esquentou-lhe o rosto e as lágrimas brotaram hesitantes dos seus olhos. Só soube procurar

um canto escondido para poder chorar sem que a vissem. Ana recorda, foi pela tardinha. A mãe procurava-a já há muito tempo, quando veio encontrá-la interrogando-se sobre aquele sangue que não estancava. E então sossegou-a, contando-lhe o que até aí ninguém lhe contara: que aquilo só queria dizer que ela estava já uma mulherzinha; que quando o sangue vinha às raparigas queria dizer que precisavam de ter mais juízo; que por isso ela, Ana, havia deixado de ser uma rapariga; que não chorasse e contasse com o sangue em todos os meses. Ana lembra-se bem do modo pausado e doce com que a mãe lhe falou. Nesse dia Ana sentiu que ela lhe falava diferente: uma mulher falando a outra mulher. Tal como agora. Sabe por isso que a mãe não lhe vai ralhar, nem ameaçar, nem bater — e inquieta-se. O que sente não é o medo desdenhado, e conhecido, de quem pode apanhar um bofetão. E enquanto espera, ansiosa, Ana tenta espiar-lhe os gestos. Não tem frio, mas chega-se ainda um pouco mais para o borralho.

A mãe, finalmente, mas buscando ainda as palavras arredias:

— Ana, tu vais-te casar...

— Pois vou, a senhora sabe muito bem.

— Tens a certeza de que... bem... nem sei como te diga...

— Diga, mãe. A certeza de que...

— ...de que gostas dele... de que gostas a sério?...

— Oh, mãe! Tem cada pergunta...

— Sabes bem por que falo assim. Sabes muito bem, filha.

— Eu não sei, mãe...

Ana sabe, e a mãe tem a certeza de que ela sabe. Sente-lhe o sobressalto.

— Escusas de mentir, Ana. O que está feito, está feito...

— Não percebo.

— Mas percebes que não devias ter feito aquilo com o Carreteiro!

Ingénua, Ana consente que um fundo suspiro de alívio a traía. «Oh, é do Tico Carreteiro que ela quer falar!»

— O Tico! Mas a senhora vem com cada coisa! Eu não fiz nada com ele. Juro pela alma do pai que não fiz nada com ele!

A mãe, com os mesmos olhos sossegados, tenta devassar, no escuro, o rosto da filha.

— Eu sei que não fizeste, Ana...

Duvidosa, é agora Ana a querer perceber no rosto da mãe.

— Então não atino, senhora... Não devia ter feito o que não fiz... Não atino, mãe...

— Digo-tê que não devias ter feito o que fizeste. Mas... mas eu até ia morrer de vergonha se soubesse que tinhas feito... que tinhas feito o resto, Ana! Atinas agora?

— Sim, mãe. Mas eu juro que não fiz o resto!

— Escusas de jurar. Eu acredito.

De novo a mãe se cala. O borrarho já nem revolvendo as brasas avivará. Mas a mãe parece esperar que o lume morra de todo.

— Acendo a luz, senhora? — diz Ana.

— Não. Deixa assim — diz a mãe.

Envoltos pela noite, nem os vultos das duas mulheres se distinguem. Sente-se apenas o palpitar de ambas. Arrefece rapidamente, e a mãe decide-se:

— Filha... o que tenho para te contar... é melhor contar assim no escuro, sem que tu me vejas. Custa menos.

— Então conte, senhora. Está tanto frio...

— Peço-te que ouças e não respondas. Não digas nada sem eu acabar. Prometes?

— Prometo, mãe.

— Então ouve, Ana: se eu disse que não devias ter feito aquilo com o Carreteiro... sabia bem o que dizia. Sim, porque tu fizeste alguma coisa com ele. Ele gabou-se por aí a todo o mundo que o quis ouvir. Eu sei. Contou que se não abusou foi só porque não lhe apeteceu. Não negas isso, Ana. Ora do que ele disse é que eu tenho medo. Muito medo, filha! Dando-lhe pé para contar essas coisas, tu não sabes o que perdeste. Perdeste muito, Ana! Não respondas, não digas nada. Olha, vou contar-te uma passagem que aconteceu comigo e com o teu pai... Escuta lá, Ana: quando eu era nova como tu és e falava para ele... tivemos algumas zangas. Nem imaginas como eu era bonita e os pretendentes eram assim! Teu pai era bom, mas uma vez, com os ciúmes, desatinou e deu-me uma bofetada... De outra vez...

Interrompeu-se, hesitante. O seu corpo todo se agita no mocho.

«... De outra vez... zangou-se comigo e esteve quase um ano sem falar. Um ano intellino. Mas eu gostava dele e ele de mim. É que tu não percebes, Ana: quando a gente gosta dum homem, o nosso coração só bate por esse homem. O nosso coração é todo dele. Pode-se ter muitas zangas, pode-se estar muito tempo sem falar, mas nem por isso a gente

deixa de gostar. E é nessas alturas que o nosso coração deve estar melhor guardado. É nessas alturas, Ana! Pode ser que tu não percebas, filha, mas eu conto-te tudo: dessa vez em que estivemos um ano sem dar fala um ao outro, foi que eu guardei melhor o que era do teu pai. Dizes tu: mas um homem pode esquecer-se da gente, um homem pode ser ingrato? Não é tanto assim: só esquece a gente, só é ingrato e nos bota ao desprezo um homem que nunca gostou de nós. Senão, vais ouvir: depois dessa zanga toda, pois fica sabendo que o teu pai veio ter comigo! E por que veio ele ter comigo? Vá, vê lá se atinas? Ele veio aonde a mim porque viu bem como eu sabia guardar o que era dele. Teve tempo de sobejo para ver isso. E sempre nos demos bem depois. Ciumento como ele era, nunca mais teve ciúmes. Ele sabia bem quem tinha. Podia andar e cirandar, podia ir para o fim do mundo, podia esquecer-se de mim e tratar descansado da sua vida. Sabia que eu ficava sempre à sua espera. Sempre. E olha que quando foi dessa zanga eu tinha ainda toda a minha riqueza. Nem ele tinha tocado em mim. Pois bem, se eu estava pura podia olhar para outro homem sem ter que botar os olhos ao chão. E já te disse que os pretendentes eram assim! Tantos que nem imaginas. Houve um que me prometeu mundos e fundos, que andou atrás de mim como um cãozinho. Até metia pena. Queria fazer de mim uma rainha. Era rico como não havia outro. Rico e bem parecido e não lhe faltavam mulheres. Mas que queres, se dera em gostar de mim? Era a sina dele. Todos os dias vinha lá da sua terra numa linda *char-*

rette e rondava ao redor da casa dos meus pais que nem um lobo esfomeado. Meteu empenhos a toda a gente, falou ao padre para que este convencesse os meus pais e o ajudassem. Até metia pena, Ana. Pois eu nunca olhei para ele, fica sabendo. Nem podia olhar. Às vezes queria, mas não podia. Quando acontecia de passar no caminho pelo teu pai e via que ele nem me botava a migalhinha dum olhar, oh! nem imaginas como eu sofria! Parecia rebentar de raiva, parecia que ia morrer de desespero. Eu queria morrer ou tirar uma vingança daquele desprezo. Apetecia-me picá-lo todo de ciúmes, arranjar outro homem só para fazer com que o teu pai sofresse tanto como eu. Ouvia minha mãe contar que eu devia era ter juízo e dar ouvidos ao homem que queria fazer de mim uma rainha. O que a minha mãe se esforçou! E o que o padre se esfalfava quando eu ia ao confesso! Não nego, Ana, que me deixei quase tentar. Era o que o teu pai merecia, era, que ele ou estava cego ou nunca soube o que me fez sofrer! Mas segurei-me, graças a Deus.

«Ana, minha filha... não, não respondas... escuta o que te diz a tua mãe... Ana, tu agora vais casar, e o que eu queria dizer-te é que não fiz ao teu pobre pai o que tu fizeste àquele que vai ser teu homem... Não, Ana, não respondas, não digas nada sem eu acabar... Oh, minha filha, quase me alegra... Escuta! E que Deus me perdoe se for pecado uma mãe contar isto a uma filha. Eu sei... eu sei que Deus me perdoa lembrando-se do muito que tenho padecido! Ana, ouves? Ana!

— Mãe! Eu ouço, mãe!

— Quando o teu pai, Deus o tenha, ao fim de um ano inteirinho em que tanto me fez sofrer, resolveu vir aonde a mim, eu... eu nem esperei que ele me promettesse o que devia prometer... É que eu sabia, eu adivinhava o que ia acontecer... Eu sabia, Ana! E nem o deixei prometer. Nem nada: nem que casava comigo, nem que não me deixava outra vez, nem um niquinho. E dei-lhe tudo! Dei-lhe a minha riqueza como prova! E nem por um instante me arrependi depois, Ana. Eu e ele sabíamos que tinha de acontecer assim. Nesse dia eu fiquei grávida de ti, filha. Foi logo nesse dia, e eu fiquei contente... eu gostei que fosse assim! Ana, minha filha, podes acender a luz e ver agora a minha cara! Não ouves, Ana? Acende a luz para veres a minha cara! Vê as lágrimas que choro, anda lá! Mas eu previ-no-te que não são lágrimas de vergonha! Não me arrependo de contar-te o que contei! E se é pecado uma mãe falar assim... oh, não, não é! Vá, acende a luz, anda...

Uma pausa curta em que só se ouve o arfar agitadíssimo da mãe. Ana não acende a luz porque não pode acendê-la. Chega ainda a pegar no cochicho, mas logo volta a pousá-lo a seus pés, na pedra esfriada da lareira. No silêncio maciço da noite, o palpitar ofegante da mãe soa como um estertor de animal aflito. Ana sente-se atada ao mocho, a cabeça numa zoadada, o peito minguado.

«Filha... tu agora vais casar... mas eu o que queria sei que não pode ser... Vais casar com um homem de quem não gostas como eu gostei... Vais ser infeliz, Ana. Ele não vai ser nunca para ti o que o teu pobre pai foi para mim.

Desfeiteaste-o deixando o Carreteiro abusar, e um homem não esquece. Pode fazer força para esquecer, mas não esquece. Tenho muito medo, Ana! Para que fizeste isso, filha? Para quê?!

— Ele já esqueceu, mãe. Ele nem fala nisso.

— Ele não fala porque tenta esquecer. Mas não esqueceu, Ana! Pode até julgar que esqueceu, mas eu conheço-o. E é por isso que tenho medo. Olha, Ana... minha filha... se eu pudesse ter a certeza de que ele ainda não te tocou... Ouves, Ana? Se eu tivesse a certeza... punha-me de joelhos e pedía-te que não cassasses agora... Sim, Ana... era de joelhos e mãos erguidas, filha! Se eu pudesse saber... oh, mas tu... tu choras, Ana! Tu choras! Tu choras, Ana!

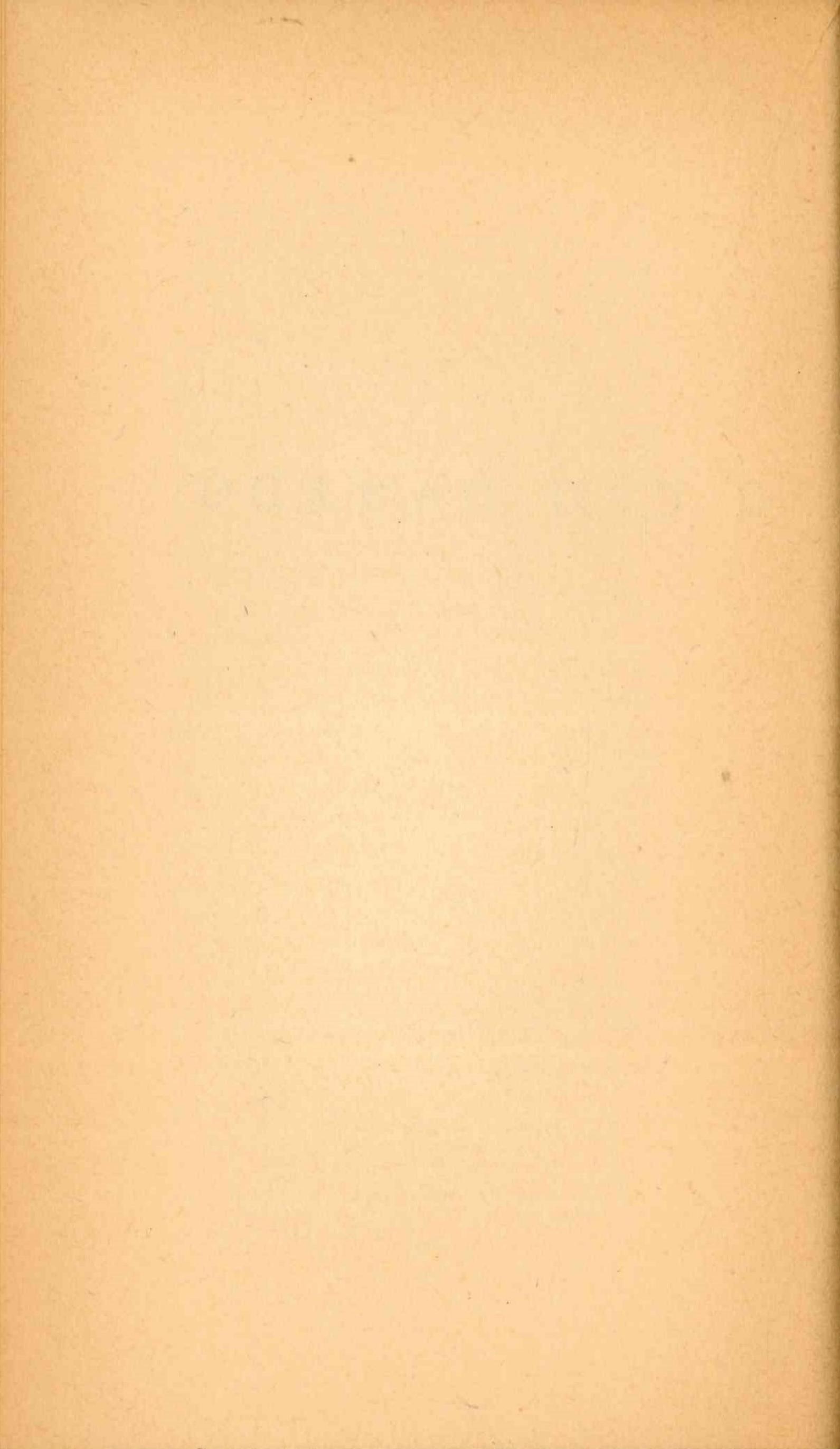
A mãe cala-se. Ana soluça, cabeça tombada entre os joelhos, dentes mordendo a saia. E é num grito que suplica:

— Não me peça, mãe! Não se ponha de joelhos como diz! Por Deus não me peça!

E então a mãe tem a certeza. Abafa a dor o melhor que pode e diz, sem erguer-se do mocho:

— Vai indo para a cama, filha... vá, vai dormir. Eu inda fico.

O CÃO DANADO



Mal se ouviu o grito: «É danado! É danado!» foi um reboliço em toda a gente. Um cão danado era já raro por esse tempo. Soava a coisa antiga, a desgraça lendária. Por isso, num segundo o grito foi aos quatro cantos da aldeia, fez ricochete no monte e voltou à estrada, da estrada foi ao largo e voltou ao monte, levava lume.

— É danado! Arreda que é danado!

O velhote ouviu o grito e ficou todo num tremor, gago, especado no meio da estrada de macadame. Logo serenou, porém. Saía gente da venda do Bastião, e lá mais acima, ao dobrar a curva que metia para a igreja, era um formigueiro. Restolhavam socos e chancas no cascalho. O velho meteu-se à estrada e foi-se chegando, sem pressas, não fosse a bronquite dar-lhe mesmo ali, diante de todos. Ná! Cautelinha e nada de correr como os rapazes. Havia de ser bonito ele ali de mãos atadas na barriga, abafando com um ataque...

— Eia, se Tico, vamos aí depressa nessa perna! Se não se mexe tem dente na canela... Ai tem, que lhe afianço eu!

Boa ia ela, aqueles tipos a quererem gozar o velho. Uns fedelhos! Mas se Tico não se

apressou. E como pôde, lá chegou à curva. O magote crescia sem parar. De todos os cantos vinha gente correndo, esbaforida.

Caía um sol lá do alto, mesmo do meio do céu, que era como um bafo de lume vivo a queimar o carrulo da gente. O velho arfava, perna trémula, a ir abaixo. Empoleirado no muro, que um muro faceava a curva do caminho, estava o povo. E ele que não podia trepar!

— Ora vejam! Ora vejam a burra da mulher que vai mesmo direitinha aos dentes do cachorro!

Se Tico, em baixo, avaliava da cena pela gritaria do magote. E mais safados que chegavam e trepavam como gatos! Só ele ficava em terra, perdendo a cena. Os mais ousados saltavam já para o campo, do lado de lá do muro. Numa onda, saltaram todos e só ficaram algumas mulheres. Se Tico desanimava, resmungava de raiva. Nem as pernas das mulheres, que tinha ali mesmo debaixo do olho, o compensavam. Ele queria era apreciar a cena, toda a cena; ele queria era escalar o muro, pular para o campo, não perder um niquinho do drama que se desenrolava. Sempre poderia depois contar como tudo se tinha passado, sempre poderia meter na história umas piadas e uns temperos. Assim... Começava a conformar-se, quando uma das raparigas deu por ele, ali sòzinho no caminho, pescoço esticado como o de um ganso, olhinhos a quererem trepar o muro.

— Eh, raio de homem, que é que você está aí a comer com esses olhos?! As minhas pernas, não?! Pois veja lá se cega!

— Dê cá a mão, velho tolo!

E içaram-no para o muro. Se Tico deu logo com o povo correndo ousadamente pelo campo fora. Todos numa voz, gritavam para uma mulher que, muito sossegada da sua vida, caminhava ao fundo, num campo lavrado, uma centena de metros antes do caminho que metia para o moinho. Mas ouvindo tanto berreiro, ela acabou por estacar no meio do campo, fazendo gestos de desentendimento. Se Tico não topava o cão. Os seus olhinhos cansados lambiam toda a superfície lavrada, mas teimavam em nada ver.

— Onde é, onde é ?

Impaciente, deu uma cotovelada na rapariga que o ajudara a subir, e esta berrou-lhe :

— Perto da igreja. Vai agora a raspar-se para o milho do Clides !

— Não topo...

— Arre que o velho está ceguinho ! Mesmo ao pé da barraca do meloal... An ? Topou ? E o diabo da burra ali pregada na terra ! Até faz raiva !

Nisto, lá ao longe, a mulher pareceu perceber finalmente ao que vinha tanto grito. Queudou-se uns momentos, pasmada, a olhar para o cão ; depois levantou a saia à altura dos joelhos e viu-se que não era coxa a fugir que se pelava. E o cão, focinho baixo, rabo caído, passou a barraca do meloal do Clides e perdeu-se no milho alto. O povo afoitou-se um pouco mais, mas não entrou no milho.

Esmorecia o acontecimento, quando estourou, mesmo nas costas do velho, um berro esganicado:

— Ai os meus meninos ! Ó Q-u-i-n-aaaa !
Ai os desgraçadinhos !

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA

E se Tico olhou para trás e deu com a mulher do Catrina. Ninguém parecia saber nem dos filhos nem da Quina. Ali só havia olhos para o cão. Ele tinha visto muita canalha saltar do muro para o campo. Os filhos da mulher do Catrina deviam ter saltado também. E para sossegar a pobre:

— Eh, se Rosa, a sua canalha deve andar aí no campo. Sossegue, que o cachorro meteu-se no milho do Clides.

E uma das mulheres do muro:

— Foi, raspou-se para o milho... A canalha está mesmo aqui ao pé de nós...

E a mulher do Catrina, abafando por mor da correria:

— Eu na paz do Senhor a lavar uns trapinhos no ribeiro... quando dou falta deles...

— E lá para o ribeiro? Diz que ferrou em muita gente...

— Se ferrou! Ferrou à pobrinha da filha do Ministro. Uma dentada que deixou osso à mostra! Estava a lavar quase ao pé de mim. Já carregaram com ela para a cidade.

— Ah... sim? E não ferrou em mais ninguém?

— Que eu visse... Mas... mas então ninguém atira no cachorro?

— Isso — disse se Tico. — Por que não atiram?

Começou toda a gente a debandar. À tarde ia caindo, e o cão sem sair do milho. De todas as bocas escapava esta pergunta: «Mas então por que não atiram no cachorro?!»

À noite, na venda do Bastião, e cá fora, na estrada:

Todos andavam ainda num rodopio e com um peso no peito. Aproveitando a fresca, o mundo viera para a estrada. Viam-se também algumas mulheres e canalha. Os ralos cantavam na noite e o corpo não pedia cama. Bastião vendia vinho cá fora. As tigelas passavam de homem para homem e as mulheres bebiam os goles do fundo ; por vezes ficava ainda um golinho para a canalha. O fiinho de água dum ribeiro corria perto. Um carro, de faróis rasgando a noite, espanava na estrada, levantando uma nuvem de poeira. Ninguém queria ir dormir, pois o cão deixara-os a todos num desassossego.

Dentro, na venda do Bastião, estavam poucos homens. Eram os do costume : aqueles que se grudavam à venda de Verão e de Inverno, numa bisca nocturna, num vício que era o único divertimento que lhes preenchia algumas horas. Estes fregueses de Bastião não precisavam dum acontecimento extraordinário para sair à noite. Lá se via também o velhote se Tico. O ambiente, porém, apesar das figuras habituais, não era o normal. Em todas as caras, menos na do velho, percebia-se uma preocupação que em vão procuravam disfarçar. Olhavam-se de mais e falavam de menos. Beberricavam em silêncio e mediam-se com miradas demoradas, quase rancorosas. Falando verdade, só Bastião e se Tico pareciam um pouco tranquilos. Os outros, que formavam um grupo de quatro, sim, via-se logo à légua. E pelos modos com que se miravam, podia perceber-se que todos juntos haviam maquinado qualquer coisa que deveriam desembuchar. Calado e muito atento, se Tico espiava-os.

Eles estavam ali há muito tempo e ainda nenhum havia falado no cachorro. Ora se Tico era velho como um carvalho e além disso tinha visto muito mundo... Não o enganavam, aqueles melros. Um dos do grupo pediu mais vinho e Bastião mediu logo. Eram quase dez horas, quase horas de fechar a venda. Bastião desde há tempos que lançava olhadelas para o relógio. É que a Guarda andava brava, andava em cima dos vendeiros: um minuto depois da hora e chovia logo muita de aleijar um pobre. Bastião estudava a maneira de pôr os fregueses fora, logo que batessem as dez. Teria de fazer rodeios, insistir, pedir quase por favor. Ele sabia com quem lidava. Nisto um dos do grupo destacou-se, riso muito prazenteiro nos beiços tintos, e falou ao velho:

— Beba, homem. Cá a gente hoje paga...

E se Tico bebeu. Bebeu umas poucas de vezes. Desconfiava daqueles mecos, mas não ia agora recusar o vinho. Por vinho ele palmilharia até ao cabo do mundo. Bastião, acaçado com a Guarda, disse que eram horas de fechar. «Que tivessem paciência, mas não estava para se quilhar». Ninguém ligou. Se Tico, que não se fazia rogado, continuava a beber. E já nem enxergava bem o vendeiro nem o grupo que lhe vinha pagando o vinho. Os seus olhinhos piscos viam apenas uma mancha em cada vulto. A chama do gasómetro tremeluzia sobre o zinco do balcão, e ouvia-se, no silêncio falso, o tique-tique do relógio despertador. Apesar de carregado, se Tico podia ainda pensar que estava a beber de mais; ainda podia pensar isso. Matava-o era não ter lastro no estômago. Os mecos haviam-no apanhado

com a barriga vazia. Mesmo assim... Ná! estava muito enganadinha aquela tropa. Iam ver, senão iam ver... E os olhinhos do velho, gozadores, pareciam os de dois ratinhos espreitando. Se Tico não ia assim a baixo com dois dedais de vinho. Pois que esperassem... Iam ver! Não que fizesse diferença ao velho dar o jeito que eles queriam pedir, que não fazia... Vivia de côdeas que lhe atiravam: petisca aqui, jejua ali, ao sabor duma caridade e sem poiso seguro. Não tinha nada que perder, e por isso, se quisesse, atirava um balote no cachorro. O dono agarrava-lhe numa gaita, e pronto! Não era crime dar cabo dum cão danado. O Sousa que tinha para lhe tirar a ele, um velho que vivia de côdeas? Nada, já se via. Pois se não tinha, zangava-se, ameaçava, mas embuchava que não havia outro remédio. Ora o senhor Sousa que se danasse! Que engolisse a fortuna e a influência! A ele, se Tico, só se lhe agarrasse numa gaita! Já com os outros, os melros que lhe pagavam o vinho, cantava outro galo, ora se cantava... Borravam-se diante da sombra do primeiro ricaço que se lhes prantasse ao pé. E tal, que deviam favores... e tal, que o Sousa era muito capaz de lhes fazer e acontecer... Uns borrachos! Se há razão, há razão mesmo! Um homem deve pensar assim. Estar agora ali com fitas, estar agora ali a querer dar a bordoadada com o pau de outro!

Bastião voltou a lamuriar que eram horas de fechar a porta, que podia vir por ali a Guarda e aleijá-lo. Ninguém ligou. Estavam todos atentos ao velho se Tico. E este ia-os mirando a todos com os seus olhinhos goza-

dores. Ele conhecia Bastião de vê-lo fedelhinho de calça rachada no traseiro. Vira-o crescer, namoriscar, montar a venda. Como Bastião havia mudado! O que o raio duma mulher azeda podia fazer a um homem! Há uns anos, quando montara o tasco, dava gosto lidar com Bastião. Teso e direito como um virote, ele só tinha uma cara: dizia e estava dito. Fossem fazer pouco dele nessa altura! É o vais! À hora de fechar a venda: «Meus senhores, são horas!» — e tudo se punha na rua. Agora era um mole, mandava como se pedisse. E estava velho. Que a mulher não o respeitava como devia, dizia-se. Que Bastião ficara a cismar e nunca mais parara de cismar. Mas, caramba!, nunca se tinha provado nada. Assim de preto no branco ninguém podia garantir. Ora Bastião, em vez de se pôr a cismar e a roer-se de dúvidas e desgostos, devia era tirar a coisa a limpo! Mas não, senhor. A adiar, a adiar, um ano e outro ano, mais outro ano, e a cisma a dar cabo dele. Uma pena!

— Com que então o cachorro ficou no milho do Clides?

Lá de fora, da estrada, chegava até eles o murmúrio das conversas das mulheres, dos homens e da canalha. Passava um quarto já das dez. Quase seco, o ribeiro que atravessava a estrada mesmo ao pé da venda, gemia nos seixos do leito.

— Com que então...

E os quatro do grupo, todos à uma:

— É. Ficou no milho do Clides...

E o velho:

— E ainda lá está, no milho do Clides?

E os outros, outra vez em coro:

— Não, se calhar... Toda a gente sabe que um cão danado não tem parança. Anda sempre até morrer, às vezes vai morrer longe, noutras freguesias...

— Ah... Mas se é assim, então já não está no milho... Se é assim como vocês dizem...

O grupo entreolhou-se, matreiro. Um deles falou :

— Mas beba, homem. Cá a gente paga...

Bastião deixou a venda e saiu à estrada. Recolhia as tigelas vazias e procurava receber os cobres. O assunto que prendia ali, em discussões pegadas, toda aquela gente, era o mesmo : o cachorro que ficara no milho do Clides. «Mata-se, não se mata, mas então por que é que não se mata ?». Todos conheciam o «Mandavir» e o senhor Sousa. Para a caça não havia por ali cão que lhe chegasse : era só o rafeiro cantar, estacar diante duma tojeira, diante duma moita, era só ele estacar de rabo no ar, e saltava coelho pela certa. Nunca o «Mandavir» cantava em falso. Coelheiro como ele ! Até caçadores de longe conheciam o «Mandavir». O Sousa tinha dado por ele, em cachorrinho de leite, uma nota de mil ! O senhor Sousa afiançava isso. E tinha-lhe um amor ! Não que nem pelo dobro ele o largaria. Pena não ter uma cadela assim boa para lhe chegar. Cachorrinho como aquele, que fazia um caçador ! Não o largaria, não. Não que nem por uma fortuna. Bicho de estimação, bicho que até falava. Uma vez em que tentaram dar a «bola» ao cãozico, o senhor Sousa parecia que danava. Não fosse a injeção logo ali atrás do veneno e bem o «Mandavir» tinha esticado. Pois era ver o Sousa nessa altura !

Era vê-lo que até chispava lume pelos olhos!
Até meteu polícia para ver se descobria!

E logo foi danar o «Mandavir»! Logo o «Mandavir» do senhor Sousa! Um desgosto assim...

Pensando no Sousa, a gente, toda a gente sentia uma pontinha de temor e de respeito. Ninguém ousaria estar de mal com ele. O Sousa era um homem de consideração. Para um pedido na cidade, era o senhor Sousa. «Olha, vai falar à mãe do senhor Sousa.» Para fazer um jeito a um pobre entalado, lá estava sempre o ferrolho da porta do Sousa. Com garantias, claro!, que o homem também não ia deitar o dinheiro pela janela fora. Um cam-pito, uma casita, um gadinho... Ora se que-riam! Cantar de galo para ele era um risco. E ninguém cantava. Bazófiás com a barriga vazia... Antes de mal com o diabo.

E logo o «Mandavir» havia de danar! Com tantos cachorros vagabundos por ali na babugem, ali à cata de espinhas e de pontapés na venda do Bastião, logo se havia o «Mandavir» de lembrar... Logo um coelheiro daqueles...

— O senhor Sousa já sabe do «Mandavir»?

— Já. Diz o feitor que mandou recado para a cidade.

— E ele?

— Veio logo chispado num carro. Vinha que nem com o cu a arder!

— Um desgosto desses, também se querias!

Uma desgraça. Um desgosto desses logo talhado para o Sousa. E a noite ia avançando: os ralos rá-rá-ráaa, o ribeirinho gemendo nos seixos a sua ladainha de secura, as asas dos

morcegos vem e vai, vai e vem, Bastião dizendo «Não há mais vinho, que vem aí a Guarda», a terra quente como a carcaça dum forno, as estrelas muito quietas, muito altas no forro escuro do céu. Uma criança cabeceava sonolenta no colo da mãe.

— Mãe — choramingou a criança —, vamos dormir, mãe.

E a mãe:

— Logo o «Mandavir»! Por aí tanto cachorro a comer pontapé, a esticar de larica...

E outra voz de mulher:

— Pobrinha da filha do Ministro. Uma ferradela daquelas!

E o resmungo dum homem:

— Vai ficar como uma víbora. Se lhe matam o cachorro...

As dez horas iam longe e ninguém arredava pé da porta da venda do Bastião. «Bastião, bota aqui mais vinho.»

Dentro, na venda, se Tico ia ficando como um cacho. Não sabia quantas malguinhas tinha bebido já. E aqueles tipos que lhe apanhavam o estômago sem uma bucha! Mas ainda podia pensar direito. Enquanto estivesse quietinho, bem alapadinho no mocho, continuaria a pensar com tino. Se se mexesse então baldearia o vinho dentro da barriga e ficaria como um bruto, varridinho de bêbedo. Assim não. Quietinho, que ele não tinha nascido ontem e ia quilhar aquela ninhada de borrados. Ia quilhá-los, pois!, que lá servir de anjo da guarda a fraldiqueiros não era com ele.

— Cá a gente paga. Hoje paga, se Tico...

— Vá, homem...

— É... a gente passa-lhe a espingarda...

— Então o cachorro vai andar toda a vida a ferrar em quem quer?...

— Claro, você não viu a filha do Ministro?...

Bastião, arreliado com o adiantado da hora, resolveu meter bedelho. Além do mais aquilo não estava a agradar-lhe nada. E o velho estava bêbedo. Era um abuso.

— Lá porque o velho está bêbedo, vocês abusam. Cagões é que vocês são.

Os quatro do grupo não esperavam os escrúpulos de Bastião. Ele não costumava intrometer-se. E quando lhe pediam, no meio duma disputa, a sua opinião, era certo e sabido que vinha a resposta: «Isso é aí com vocês. Querem vinho? Eu vendo.» Por isso refilemaram:

— E quem lhe vendeu o vinho? Diga lá, seu porras!

— Vá, se Tico, você bem viu a filha do Ministro...

— É... ao romper do dia você dava cabo do «Mandavir»... Num ai-Jesus você dava cabo dele...

O velho nem tugia. Vivos, só os olhinhos piscos, brincalhões e malandros. Um risinho velhaco caía-lhe dos beiços como uma baba. No mais, parecia um sapo entulido. Bastião, amofinado, desinteressava-se e, de cotovelos fincados no zinco do balcão, ora lançava miradas receosas para o relógio, ora media demoradamente o velho. Era amigo de se Tico e amiúde o incumbia de pequeninos serviços: lavar um casco, um ou outro recado, espetar arejões no feijão que crescia no quintal, «olhe-me aqui pela loja enquanto dou ali um pulo à retrete». Fosse há uns anos e Bastião can-

taria àqueles safados as palavrinhas de que estavam a precisar. Agora não. Quase se desinteressava de tudo que girasse à sua volta. Eles que se aviessem. Queria era fechar a venda antes de lhe aparecer a patrulha da Guarda.

— Então, se Tico? Você vai dar cabo do «Mandavir»?

— É... Então você não viu que o cachorro andou aí a meter dente em toda a gente?

— Sabe que a nós não convém... Você sabe disso, se Tico...

O velho fez um esforço para falar. Ia a levantar-se do mocho, mas arrependeu-se. Perdiu mais vinho. Quanto mais bebia, os olhinhos mais piscavam. Estava um cacho, varridinho como um cacho. Falou:

— Eu... eu é que vou dar cabo do «Mandavir»... Eu...

— É. Ao romper do dia você dá cabo dele...

— Cá a gente passa-lhe a espingarda... A si não lhe custa nada dar cabo dele...

Outra vez o velho:

— Sim, está muito bem... E se eu der cabo dele? Se eu...

— Você dá cabo dele num instante... É só querer...

Se Tico olhou para Bastião, mas este parecia indiferente; tirara o lápis da orelha e fazia contas no zinco do balcão. Piscando os olhinhos como se estivesse fitando uma luz forte, se Tico ia pensando. E só uma coisa lhe doía: era ter deixado aqueles melros apanhá-lo com o estômago vazio. Senão... Mas que bela ocasião de beber até fartar! De início não enxergara bem o motivo por que os tipos, pretendendo que matasse o cachorro, teimavam em

dar-lhe o vinho com que se embebedava. Mas descobrira quando havia já emborcado uma data de malguinhas. Eles sabiam que se desse a sua palavra não voltaria atrás com ela... Quando lhe passassem a arma diriam: «Vamos, se Tico, você deu a sua palavra!» Velho fomento e sem préstimo, se Tico fazia questão de que algo dentro de si resistisse sempre a todos os tombos e misérias: a sua dignidade. O que prometia, cumpria. Por isso Bastião o estimava e lhe dizia tantas vezes: «Olhe-me aqui pela loja enquanto dou ali um pulo à retrete.»

— Vá... vá lá, homem... Cá a gente paga-lhe todo o vinho que quiser...

— Todo o vinho que quiser, está a ouvir?! Se Tico, você está a ouvir?!

Fez um esforço e levantou-se do mocho. Fios de vinho escorriam-lhe dos cantos dos beiços e iam perder-se no encarquilhado do pescoço. Os quatro do grupo ficaram alerta. Bastião encorricou a testa, aguardando o que ia sair dos gestos do velho. Sumira-se o burburinho das vozes lá de fora. Dir-se-ia que até os que estavam na estrada haviam pressentido o gesto do velho. A canalha deixou de correr na estrada. Tudo mudo. Até os ralos calavam o seu rá-rá-ráaa incansável. Só o tique-tique do relógio de Bastião parecia indiferente. O mais, tudo estacado numa ansiedade. Se Tico, já de pé, fez um galão até ao balcão. Equilibrou-se. Falou:

— Eu... eu é que vou dar cabo do «Mandavir»!

— É. Você dá cabo dele de manhãzinha...

— Vou dar cabo dele, vou. É que vou!

Novo galão do velho, agora até à mesa dos quatro. Bastião correu lá de dentro e amparou-o. Os olhinhos de se Tico já não piscavam, matreiros. Agora estavam baços, mortifcos, sujos como a água terrosa. Arrotava aos sacões e novos fios de vinho lhe corriam dos cantos dos lábios e vinham cruzar-se no pescoço encarquilhado. Os do grupo miravam-se, receosos. Não gostavam nada dos gestos do velho. Direito, com Bastião por detrás, feito escora, se Tico fez um gesto largo com as mãos e desatou a rir, sacudindo-se todo, a rir como só fazem os bêbedos.

— Mais vinho! — pediu

— Não há mais vinho — disse Bastião.

— Dê mais vinho ao homem! — disse um dos do grupo.

— Não há mais vinho! — repetiu Bastião.

É o velho, como não havia mais vinho, decidiu-se. Livre de Bastião, voltou a fazer o mesmo gesto largo de mãos, estacou diante dos do grupo, mirou-os enigmáticamente, arrotou forte, riu-lhes na cara e falou:

— Com que então vou dar cabo do «Mandavir», hem?! Eu é que vou dar cabo do cãozico, hem?!

E entesando-se o mais possível nas pernas trôpegas, cômicamente solene:

— Pois está-me a parecer que tenho diante de mim uma ninhada de cagões! Borrados é o que vocês são!

Um dos do grupo, adiantando-se:

— Ó homem, olhe que nós... Veja lá como fala...

— Já disse. Borrados que até fede! Ide

pela espingarda. Vou dar cabo do «Mandavir»...

Dito isto, se Tico não se teve mais nas pernas e tombou de borco no soalho. Bastião ia a erguê-lo, mas vendo que o velho mal dava acordo de si, mudou de ideias. «Ponho-lhe um saco dobrado debaixo da cabeça e deixo-o dormir até amanhã» — pensou. E assim fez.

MARIA - É - REI

Não, não olhe para o relógio. Além do comboio tem ainda a camioneta. Sai mesmo daqui. Olhe... vê ali a placa?... ali mesmo... Vai um calinhos, vai? Silva, ó Silva... vá, sirva aqui dois calinhos... Depressa, homem!...

Maria não nasceu cega, não. Teria a pobre cinco anos, se tanto. Eu conto...

O sítio é dos mais bonitos que temos aqui pela beira. E então à hora em que o sol se põe!... Deixa-se a cidade para trás e mete-se pela linha adiante. Passa-se a ponte de ferro, uma que foi construída, dizem, por Eiffel, um francês que por cá andou há muitos anos, e topamos com um carreiro que desce para o rio (repare, quando tomar o comboio...). Ponte, rio, mato, silvado, o comboio apitando, sol, uma mancha branca de areal... Para mim isto tem beleza. No Verão os silvados cobrem-se de amoras. Amoras que são uma tentação. A passarada não passa fome e a canalha toma um fartote. Maria, que nasceu ali num casinho entre o mato, fazia como todas as outras crianças e a passarada: fartava-se de amoras. E foram as amoras que a perderam, sabe... Já

é o fado, caro senhor, já é o fado dos infelizes. Dizem que está escrito. Eu conto: fala-se que andava Maria um dia no silvado e topou uma amora tão linda como nunca vira outra. Nem bicada estava dos melros. Parecia uma amora de veludo. Oh, mas que amora mais bonita! Maria não resiste, estende o braço e tem já nos dedos a amora cobiçada. Acaricia-a. Não, não, Maria não vai comer aquela amora. Quer só acariciá-la. Quer mirá-la de perto, mais de perto. Põe-se em bicos-de-pés e alonga o pescoço, chega mais o rosto ao silvado, mais... e um bocadinho mais..., desequilibra, guina para diante, não chega a cair... Mas Maria pica-se num olho. Coisa leve, um fiinho de sangue, um nico. Nem doía. Passaram umas horas e tudo parecia sem importância. A mãe porém levou a rapariga à farmácia, na cidade; na farmácia mandaram-na ao médico; o médico saíra: que viesse mais dali a pouco; sim senhor, a mãe foi dali a pouco; o médico vê a rapariga e diz que precisa de vê-la outra vez no dia seguinte; no dia seguinte... bem... no dia seguinte Maria estava cega... A infecção, mais rápida que o raciocínio do doutor, alastrara irremediavelmente...

Maria cresceu depressa. A cada novo irmão sem pai que a mãe lhe dava (não faça essa cara, amigo!, é a verdadinha...) Maria era um upa, upa!, que estás quase mulher. Fedelha ainda, enchia já o peito de ar para empinar os seios, caminhava ligeira para realçar a curva perturbadora das ancas... Sabidinha que se fartava.

Como a conheci?... Oh, mas naturalmente, muito naturalmente... Com o tempo bom, um

passaio pela linha adiante é um prazer. A gente saca o casaco, arregaça as mangas da camisa, põe-se a andar calmamente pelas travessas da linha. Chega à ponte e queda-se a mirar o rio cá de cima, a toda a altura. Que sossego, que paz!, parece que o rio vive, que uma volúpia aquece a água... O sol coa-se entre o pinheiral, rasteja pelo mato, doura os silvados e as amoras. A ponte rebrilha, imponente... Que sossego, que paz! Sentimos o mundo nosso. Era uma das minhas passeatas. Qual café?! Não, nada disso, eu não me perdia no dominó, as minhas calças não ganhavam lustro no tra-seiro. Ia por aí fora, pela linha adiante, feito lírico; descia ao areal e debicava a minha amora... Está a ver como era natural que eu a conhecesse... Poderá imaginar: «Ora, uma fedelha, uma criança... E cega. Se calhar porca...» Pois digo-lhe que se engana. Engana-se redondamente. Maria andava a oferecer-se e... e por uma blusinha de chita vermelha, por um trapo que se compra com o troco dum pataco... Bem... ninguém é santo e o resto entende-se... Só lhe digo que apitava o comboio lá em cima na ponte, vagaroso como um grande sardão arrastando-se ao sol. Estava escrito e é a sina dos pobres. Depressa vieram outros marmanjos. Foi uma romaria.

Vai outro calinhos, vai? Não se acanhe, eu pago. Não? Bem... eu preciso de beber, sabe... eu preciso disto... Peço-lhe que não olhe mais para o relógio. Disse-lhe que tem ainda a camioneta. Silva, ó Silva... Uma lesma, este empregado!

Vai-se o Verão e vem o Inverno. Uma cheia engrossa o rio. Mato e silvado, tudo inundado, um mar. À noite o nevoeiro, espesso como cinza, cai sobre o rio, amortalha a ponte. Os comboios passam espavoridos, silvo lúgubre, e a ponte geme. O rio ruga, em baixo, arrastando o que rouba às margens: gado morto e inchado, árvores arrancadas, barcos que cachoaram, perdidos, nos açudes.

Maria está triste. Vai ter um menino. Adeus blusas de chita e saia travada. Adeus brilhan-tina de frasquinho e rótulo...

Voltou o bom tempo e o silvado apinhou de amoras... Nasceu o menino...

É bom de ver porém que a criança só du-rou uns meses. Bem a pobre se esmalditou, sim senhor. Mas quem a queria assim de mama bamba, carnes mirradas, olho vazado? Só um bruto. Só um bêbedo. Um ou outro porco. Maria não teve por isso outro remédio: passou a pedin-char; juntou-se aos enxames de mendigos que andam por aí. «Uma esmolinha por caridade; uma esmolinha para este inocente» — e indi-cava o filho, que não abandonava nunca. O bom cristão pasmava diante do espectáculo: «Ah, mas tu és uma criança, rapariga! É teu irmão, o menino?» Não, não era irmão. «Cre-do, mas então não há leis?!» — e a esmolinha caía, quando caía. Criança sempre embrulhada num xaile preto, o fado da infeliz era este: rua abaixo, rua acima, esmiuçando tascos e cafés, olho atento ao zelo sempre atento da Polícia. Noite e dia, Maria nem por instantes largava a criança. Era um amor maníaco. Se lhe fala-vam em confiar o menino a uma creche ou a alguém caridoso e de posses, o único olho de

Maria logo incendiava, felino, e a língua destravava-se-lhe numa rajada de insultos.

O menino foi definhando, com tal peregrinação pela cidade. Amarelinho, cada vez mais amarelinho, abafava, assim sempre embrulhado no xaile.

Foram encontrá-la, uma noite, num banco do jardim público, a tentar dar um biberão de leite ao filho já morto — e viu-se então que a pobre não regulava. Vai já há anos, mas anda ainda por aí, o velho xaile embrulhando um boneco de trapos, na boca sempre a mesma súplica tonta: «Uma esmolinha para este inocente.» Coisa assim...

É perto, fica mesmo ali ao fundo da rua. Há um largo com um «careca» no meio; de um lado, um boticário e um ferrageiro; em frente é o cinema. Corre fita às quintas e aos domingos. Raro eu ia ao cinema. Quando mais novo era um ferrinho, não falhava um filme. Mas veja você este meu azar! Fui ao cinema nessa noite. Eu e a mulher, que há um ror de tempo andava a chatear-me. Logo com a mulher! Comprei os bilhetes muito antes da sessão, para garantir lugares juntos. Recordo-me que caía uma chuvinha morrinhenta, fria, enervante. Levo a mulher à plateia e venho cá fora aos cigarros. Tinha tempo, que só daí a minutos a sessão começava. Mas ah, meu amigo, o que me estava talhado! Mal ponho pé no largo, fico logo sem sangue... Lá estava aquela desgraçada debaixo da luz do «careca»! Acovardo-me e enfio para dentro do cinema outra vez. Sabe, eu não a via há algum tempo. Em dois anos gozava finalmente um pouco de

paz. Chegara a convencer-me de que a tivessem internado, como de resto se impunha. Nem ouvia falar dela. Comia melhor, dormia por fim, regulava convenientemente. Libertava-me daquele olho cego que me perseguia. Fado, fado dum raio, este meu: pego na mulher, vou ao cinema, estafo o meu dinheiro... Eu que já não me lembrava de ver uma fita! Refugio-me no átrio e tento confundir-me no meio de gente conhecida, que fumava e tagarelava. Mas isto cá por dentro ia-se tudo a baixo. Estava pálido, decerto, pois percebi olhares curiosos que se punham em mim. É sem atinar naquilo que fazia, rompo para a porta outra vez. Para fugir, sabe. Para fugir como um covarde... Lembro-me porém da minha senhora. Recuo... Os porteiros observam-me. Eu estava cego. Ridículo, dando encontrão já não sei em quem, raspo-me para a plateia e sento-me. Ah, meu amigo, meu caro e ilustre amigo que me escuta, você não imagina sequer o que isto é. Nunca viveu uma coisa assim. Mesmo na plateia eu só a vejo a ela sob a luzinha pálida do «careca», a morrinha encharcando-a, o velho xaile preto agasalhando o trapo que a desgraçada toma pelo seu menino! Na minha pobre cabeça silva o comboio e geme a ponte. Agonio. A coitada da mulher olha-me alarmada. A sala oscila sobre mim e o *écran* enfuna como uma vela ao vento. Retine a campainha. A sessão começa.

Maria aparecera ali no largo apenas porque a Polícia se distraíra; de outro modo tê-la-iam escorraçado ou metido no calabouço. Era o costume.

O espectáculo começou e o largo serenou. Cá fora, nem um gato; só Maria, cosida ao poste do «careca». Ali esteve muito tempo, quieta, sonsa, maluquinha dada à boa paz. Nem um polícia de giro. Chegava ao largo o ruído da projecção, uma ou outra fala dos actores, um trecho do fundo musical. E aquela chuvinha de molha-tolos certa, irritante, silenciosa, ensopando tudo. Maria era um farrapo encharcado e o cabelo empastara-lhe sobre a testa, tapando o olho cego. Cansou-se decerto de esperar sempre no mesmo sítio e arriscou passos em direcção da porta do cinema. O porteiro de serviço à entrada nem a viu chegar-se e só a notou quando ela já se tinha encostado ao cunhal, onde ficou tão quieta como havia estado até ali debaixo do «careca». Maria queria, afinal, escapar um pouco à chuva. O porteiro percebeu e não a pôs a andar. «Um nico de coração também não fica mal.» O homem tinha diante de si perto de três horas de sessão. Três longas horas ali de estaca, só e chateado. Não queria agora ficar a roer o remorso de ter dado pontapé na infeliz. O homem rapa da sua onça e enrola calmamente o seu cigarro. Espirra. Espirra outra vez. Tenta reagir e começa a andar no átrio, pateando nervosamente o mosaico. Os pés esfriam-lhe. O cigarro arde. Outro espirro. «Tenho-a bonita, sim senhor. Diabos me carreguem se não bebia agora um calinhos.» Três horas de pasmaceira. «Tenho-a bonita, sim senhor.» O homem procura o lenço tabaqueiro e assoa-se ruidosamente. É um lenço que parece uma bandeira; dobra-o sem cuidados e mete-o no bolso do sobretudo; depois tira o boné e coça a

meia-careca. Lá dentro estoura uma gargalhada geral e o volume da música engrossa. Maria ergue humildemente um olhar para o porteiro. Este mouma qualquer coisa que se não percebe. Tem de novo a onça nas mãos e vai enrolar outro cigarro. «Mas por que diabo esta infeliz se não põe a cavar?» E observa Maria demoradamente, enquanto passa a língua pela mortalha. Tem uns olhinhos pequeninos e pouco vivos; meio malota, o seu andar é arrastado. Abeira-se de Maria, fitando-a como se não a conhecesse. Esta recua um passo, assustada. Mas o homem não a põe a mexer. Manso, tranquiliza-a, diz-lhe que se deixe estar. Ele conhece a história da rapariga. Não há bicho que a não conheça. A cada passo se fala num jornal local da «urgente necessidade de internar uma desgraçada que por aí anda a envergonhar a cidade e as nossas tradições». Uma ideia o tenta. Os seus olhinhos mortos estão cada vez mais cravados em Maria. Vai fazer uma asneira, uma grandíssima asneira. E então? «Um nico de coração não fica mal a um homem.» Maria desconfia da insistência dos olhinhos do porteiro e diz «que só quer abrigar-se, que não quer fazer mal, que não quer cantar». (Últimamente dava-lhe para cantar). A sua voz é ainda pouco firme, aflautada, de menina. O homem repete-lhe que não tem mal nenhum, que se deixe estar. Sim, sente que vai fazer uma asneira. Observa agora o cuidado com que Maria pega no boneco que o xaile preto agasalha.

— Como vai o teu menino, Maria? — pergunta-lhe. Custa-lhe acreditar que a loucura

da rapariga a leve à ideia fixa de que traz consigo a criança.

— O meu menino está lindo — diz Maria. E desenrola o xaile. — Vê? E gordinho!

Os olhinhos do homem humedecem e a comoção tolhe-o.

— Não há dúvida... tens um lindo menino...

Contente de lhe terem falado no menino, Maria dá dois pulinhos no mosaico. Ri. O homem tira outra vez o boné e coça a calva.

— Maria...

— Senhor.

— Olha... se eu te deixar ir lá para dentro ver a fita... bem... se não te pusseses lá dentro a cantar... que dizes?

E Maria:

— Oh... que lindo! (dá mais pulinhos no átrio). Eu não canto. Até juro pelo menino que não canto!

— Estava capaz de te fazer isso. Raios me partam se não estava capaz...

Maria ri, de boca muito aberta, numa ansiedade. Está o homem pesando hesitações, quando de uma das portas do corredor direito surge um colega da «geral». Olha surpreendido para a rapariga, diz qualquer coisa sobre o tempo e sai, levantando a gola do sobretudo. Vai dali, num tiro, a um dos cafés mais próximos. É a oportunidade. O porteiro olha uma vez mais para Maria, remoendo últimos obstáculos. Diz:

— Maria, vou fazer uma grande asneira. És maluca e vais arranjar-me assado... Vá... desaparece da minha vista... deixa-te de pulinhos... anda, rompe por aí dentro e regala-te

com a fita... Isso, depressa... por aqui... Eu seja cão! Eu seja cão se fores aí para dentro cantar!...

Não cantou. A «geral» estava quase vazia e Maria pôde arrumar-se bem, encolhida junto duma coluna. Uma alegria nova a sacudia. Ria baixinho, nervosa. Para ela, as imagens no *écran* eram um deslumbramento. Corria um documentário sobre o Oriente — o Oriente falso, hollywoodesco, pejado de rajás e de turbantes, elefantes monumentais, diamantes que cegavam, leques espanejando. O olho de Maria pasmava diante de tamanha maravilha e esforçava-se por não perder um pormenor daquilo que se projectava no pano. A sala, na meia penumbra, não a interessava. Teria tempo de a ver quando a luz acendesse. Uma vez acomodada junto à coluna da «geral», nem duas palas reluzentes dos bonés da Polícia a atemorizavam. Não as via. Para ela só existia o fantástico das imagens.

Mas Maria jamais havia visto uma fita ou entrado numa sala de cinema... E o seu único olho, volvidos minutos, deu em pestanejar, em lacrimejar teimosamente. Fazia um esforço enorme para aguentá-lo bem aberto, muito aberto, mas era uma ardência, uma comichão! E os rajás, os elefantes, os leques e os diamantes passam a dançar-lhe malucos. Então a cabeça de Maria encosta-se à coluna. Jesus, que sono! Que peso na cabeça! Resistindo, ela limpa o olho à ponta do xaile. Esfrega-o com desespero. Mas as imagens empurram-se, confundem-se, invertem-se, esbatem-se... Jesus, que sono... que peso... que

pena... Chove lá fora. Oh... chove lá fora... que bom... mas que pena... que grande elefante... oh, que lindo elefante!... E Maria puxa mais para o peito o xaile preto e a ilusão do seu menino. Sonha. Um sorriso nos lábios. Um estremecimento. Medo. Palas de Polícia. Outra vez o sorriso. Oh... que lindo!... que palácio... oh... Maria sonha! Silêncio, haja respeito. Maria sonha! Mas que lindo elefante... mas que lindo palácio... Maria está diante do mais belo palácio que a imaginação concebeu. Todo de ouro, senhores. Telhados dourados fendendo o céu. Ouro, mármore azuis, diamantes faiscantes, sabe-se lá... Timidamente, medindo cada passo, Maria aproxima-se duma porta tão grande que nem um arco duma ponte. Dois negros gigantes, de grandes argolas penduradas nas orelhas, empunhando lanças grossas como trancas, estão de guarda. Mas Maria não receia os negros. Eles estão mais perto, cada vez mais perto. E nem lhes fala. Os pretalhões erguem as lanças, vociferam numa língua desconhecida, escancaram-se numa grande curvatura. E como que por feitiço, a grande porta, toda cravejada de pequeninos elefantes de ouro, abre-se. Maria não se acanha. Ali estão ainda os negros muito curvados, mil respeitos para ela. Não sabe que imaginar, mas entra. Entra e a porta fecha-se. E dentro é o paraíso — um paraíso sem anjos, sem santos. Ninguém, mesmo ninguém. Tem na sua frente um imenso corredor, largo como uma estrada, e não lhe vê o fim. O chão é um espelho. De cada lado, portas que não pode contar, tantas são, e todas cravejadas dos tais elefantinhos de ouro.

Anda no ar um perfume finíssimo. Maria, à medida que avança no corredor e passa por cada porta, ouve, vinda lá de dentro, uma música desconhecida, suavíssima, como se ciciada. A luz cega-a. E é uma luz que vem do tecto, dos espelhos do chão, dos elefantinhos de ouro, da própria música. E ninguém! De gente, só os dois pretos que viu lá fora. E Maria lá vai, corredor adiante, mirando-se embevecida nos espelhos. Francamente... está já estafada de caminhar sobre o que parece não ter fim. Pára, mas logo a música avoluma e ecoa forte. Não, não... é engano de Maria... A música é a mesma, suavíssima, doce como uma carícia. Oh, e é tudo tão lindo, tudo tão lindo! Maria nem sabe que pensar duma coisa assim. E aquele corredor parece não ter fim... Mas que grande palácio! E não aparece ninguém... Será um palácio encantado? Isso. É um palácio encantado. Oh! Mas agora não é ilusão, não! Ela ouve, agora ouve distintamente a música avolumando, crescendo. E cantam, agora cantam. É um coro de anjos. Deus meu! Oh, que lindo, mas que lindo! Maria não percebe nada. Intriga-se. Estaca em frente duma das mil portas cinzeladas. E se entrasse? É certo que a música vem lá de dentro. É um coro de anjos, não há dúvida. Já uma vez sonhou com anjos e viu que eles cantavam assim. Vá, e se entrasse? Oh... mas que lhe dirão os anjos? Assim pobre, rota, cega, de menino ao colo, que lhe dirão os anjos?! Jesus, que vergonha... Meu Deus, valei-me! Estou tão aflita! E Maria começa a chorar. Senta-se no cristal espelhante que é o piso do imenso corredor, e chora. Um choro

silencioso, sem soluços, sem um ai. Os anjos cantam agora mesmo detrás da porta. Oh, meu Jesus! Então... Então... Mas é um milagre... Coisa assim! Os elefantinhos de ouro que ornaram a porta dão em mexer-se: primeiro um, depois outro, e outro, todos eles. E descem para o cristal em que Maria se senta. Pequeninos como ratinhos, são tantos que Maria nem os conta. Tem medo, sim, tem medo. Ergue-se, chega mais ao peito o xaile em que agasalha o seu menino, como se quisesse defendê-lo dos pequeninos elefantes. Maria vai fugir... Mas os elefantes não desceram para fazer mal a Maria ou ao seu menino. Querem ajudá-la. E é o que fazem. Todos juntos, perfeitamente combinados, levantam as pequeninas trombas e arremetem contra a porta! Uma vez, outra vez, furiosos apesar de pequeninos... E a porta cede. Maria está pasmada, nem acredita. Feito o serviço, os elefantinhos, olhinho malicioso e contente, voltam aos seus lugares. Como num sonho. Maria não está com coisas... Para a frente é que se anda... E pisa agora cristal azul. Está numa imensa sala azul. Um azul do céu em dia bonito. Tudo azul. A mesma música, outra vez longínqua e doce como uma carícia. E o mesmo perfume. E a luz também sem que saiba ao certo de onde vem. Ninguém, como sempre. Ah, mas ali embasbacada é que Maria não pode ficar, não. Mais tranquila e afoita desde que assistiu ao feito dos elefantes de ouro, atravessa ligeira toda a sala e está de novo esbarrando noutra porta. Porém esta não é, como as anteriores, cravejadas de elefantes pequeninos como ratos. Agora são amoras! Sim, amoras,

mas mais belas, muito mais belas do que as da beira-rio. Maria ri de surpresa e de alegria. Amoras! Amoras maduras como as dos silvados! Oh, meu Jesus... Amoras! Mas já a porta se abre suavemente, sem um ruído, leve como um cabelo, e Maria entra numa sala como a primeira, mas cor-de-rosa. Tantas salas e tantas portas... Que sonho! Oh, mas que sala mais linda... E já não ouve a mesma música. É como se os anjos entoassem agora uma cantiguinha de embalar, como se estivessem a fazer adormecer um menino... o seu menino... E ninguém, outra vez ninguém. Tal como um palácio encantado. Maria observa, extasiada, tudo que a rodeia. Apetece-lhe dar os seus pulinhos de contentamento... Ah, mas a grande surpresa vem agora... Querem ver?... Oh! Que será aquilo que brilha tanto no meio da sala?! O coração de Maria salta. Que será, Jesus, que será?! Trémula, ansiosa, Maria corre. Oh... mas parece um berço! É um berço, Deus meu! É um berço de ouro! E que finas rendas! Oh, que vejo eu, rico Jesus?! Que vejo eu?! E que rico tule... Maria nem pode falar, tal é a sua admiração.

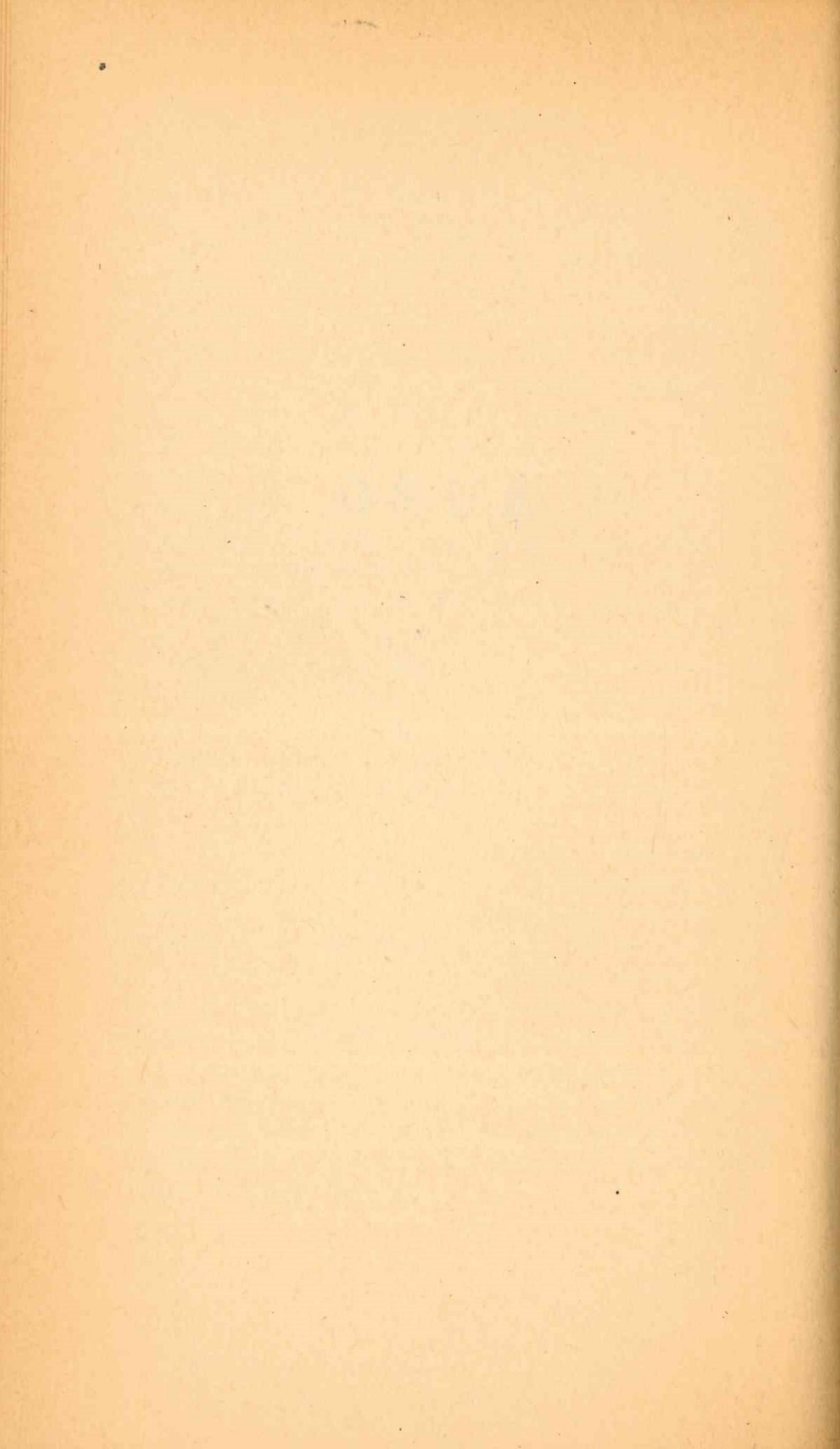
Vai-se a canção de embalar e volta a música e o coro da sala azul. Então as rendas e o tule do berço de ouro agitam-se suavemente... O berço descobre-se... E Maria, curiosa, peito arfante, espreita para dentro. Oh... não, não está a sonhar! Céus, é um menino! É um menino! É o menino mais bonito que já viu! É um menino de ouro! E dorme... Atónita, cabeça zumbindo, sem saber que imaginar, Maria senta-se no chão. O seu olho muito arregalado, muito inquieto, percorre a sala, volta

ao berço. Levanta-se. Coisa mais linda! Quem será o menino? De quem será o menino? Um menino de ouro num berço de ouro... Um palácio de ouro... E que menino mais lindo! Deve ser um rei, pois... só pode ser um rei... Quem ia agora ter um berço de ouro?! Um menino rei... Oh... mas ninguém a guardá-lo! Um menino sòzinho... Maria espia o menino outra vez. Oh... e está nu, nuzinho... Mas que lindeza, que lindeza... Volta a sentar-se. Pensa, esforça-se por pensar direito. O esforço põe-lhe a cabeça dorida, mas uma ideia acaba por iluminá-la. Fica tão contente que se põe a rir muito, sem poder conter-se. Rapidamente porém ganha juízo. Mais uma mirada ao berço, arrisca um olhar receoso em redor, vai até à porta da sala azul e queda-se uns instantes, ouvido muito atento. Nada. Ninguém. Só a música. Volta. Põe no chão o xaile preto em que agasalha o seu menino. Descobre-o, despe-o, olha-o nervosamente, empenhada numa rigorosa inspecção. Ri. Beija-o. Uma lágrima corre-lhe pela cara. Pega-o com imensos cuidados e... e vai pô-lo no berço de ouro ao lado do menino-rei. Comovida, curva-se sobre eles, beija-os repetidamente, enquanto com as costas da mão tenta limpar as lágrimas, não vão elas cair nos meninos e acordá-los. E pensa: São dois reis. Lindos como dois reis. Parecidinhos como dois reis. Retira o menino-rei e deita-o no xaile preto. Com o seu menino só no berço, Maria continua a pensar: É igualzinho ao rei. Assim nuzinho... É rei! O meu menino é rei! Oh, Deus do céu, o meu menino é rei! Vira-se de novo para o menino que dorme no xaile pre-

to. Vai pô-lo no berço de ouro... Mas... mas... oh... que é isto? Jesus, a música?... Os anjos?... Oh, que barulho é este?! Oh, meu Deus... Não! Não! eu não fiz mal nenhum! Foi só... Perdoai-me... Oh... minha nossa Senhora... os anjos... oh... oh... Batem portas. Grita-se. Estrondo de passos pesados na sala azul. Os meninos acordam... Berram. O palácio parece desabar, tal é o restolho que ecoa por todo ele. Oh, mas quem grita assim?! Maria está atada ao berço, transida de pavor, boca num esgar, olho desmesuradamente aberto. Abre-se a porta da sala azul. Outra em frente. Pretos colossais como os que viu à entrada do palácio irrompem furibundos para ela, lanças apontadas... Oh, e elefantes... Pequeninos elefantes aos milhares... Jesus! Ai! É rei... é rei... Oh... os elefantes... vejam... igualzinho ao rei... Ai o meu menino! Mas vejam... é rei... é rei... oh!...

Intervalo. Luz. E Maria esbracejando, gritando: «É rei! É rei!» Gargalhadas estouraram na sala. A Polícia corre para a infeliz, que ainda não despertou de todo. E eu... e eu... ah, meu amigo! Fujo da plateia, perdido, louco, a mulher tentando agarrar-me, gente estranha tentando agarrar-me, outra vez o silvo agudo dos comboios a fender-me a cabeça, uma reputação perdida... Já vai há anos e isto não me larga. Não durmo, não como, não regulo. Sou o que vê: um farrapo! Sei que hei-de ir disto, hei-de...

O M U R O



Marido, mulher e dois filhos pequenos. Casaram-se vai com três anos, e os filhos vieram quase enfiados. O menino mais novo ainda mama e é o retrato do pai; o outro sai à mãe. O mais velho, que começa a ter um bocadinho de juízo, senta-se numa cadeira alta, pintada de azul, uma destas cadeiras próprias para ter os bebês à mesa.

É a hora da ceia. Comem em silêncio, um silêncio que parece pegar-se também aos meninos. É fraca a luz que vem do tecto: uma lâmpada de quinze velas apenas. Aqui há meses iluminava a sala uma lâmpada forte e decente, engalanada com um bonito «abat-jour». Mas tudo mudou: havia alegria e agora não há; havia algum dinheiro e hoje não há nenhum; os meninos riam muito e agora riem menos; agora tomam menos leite e vão perdendo a cor; à hora da ceia ligava-se o rádio, mas o rádio agora está mudo, mudo, ou toca noutra parte.

— Ainda não me disseste quanto te deu o rádio... — diz ela.

— Esqueci-me — diz ele. — Nem chegou a setecentos escudos.

Ela ajeita melhor o filho no colo e depois mete-lhe na boca uma colher de sopa.

— Mais valia nem ter vendido. A casa fica tão triste sem ele. Já estávamos tão habituados. Mais valia...

— Dizes bem... não há dúvida...

O filho mais velho deixa cair a colher e o pai chega-lhe um tabefe leve. O menino amua e chora.

— Não sei por que lhe chegas assim!— diz ela. — O rapaz não tem culpa!

Ele cala-se, cara fechada, olhos no prato. E a mãe apanha a colher do chão e dá-a outra vez ao menino. Este deixa de chorar. O pai arrepende-se. A ceia vai no fim. Embora se coma devagar, é uma ceia que não vai além de dez minutos.

Há meses que ele perdeu o seu emprego. Emprego modesto, diga-se: garantia o leite dos meninos, trinta escudos de luz por mês, um osso na sopa todos os dias, uma ida ao cinema quando calhasse melhor, umas compras de roupa a prestações muito esticadas, um aluguer de casa muito por baixo. Era porém um emprego e havia a esperança de um aumento prometido. Assim ia a vida quando, uma madrugada, lhe bateram à porta. Acordou primeiro a mulher, que tinha um sono leve, pois toda a mãe com filhos de peito tem um sono leve. Era a Polícia. A mulher sacudiu-o e disse-lhe: «São eles, homem!» Ele vestiu-se sem pressas, em silêncio. Os meninos dormiam. Bateram outra vez, agora com mais violência, mas ele já estava pronto. Saiu, sem palavras. O carro arrancou e a mulher ficou ainda à janela olhando a noite. Só, a cama vazia, os filhos dormindo, esperou, sem lágrimas, que o dia viesse. Ele, no carro, a caminho do Porto,

tinha um pensamento: «Não será por muito tempo, não pode ser por muito tempo.» E acertava. Só que, quando voltou, o emprego fora-se.

— Que bem dormiste esta noite! — diz ela. — Acordei de madrugada e pus-me a olhar para ti: como dormias! Até dava gosto...

— Sim?... — diz ele.

— Já não te via dormir assim há lá que tempo. Tomaste alguma pastilha, não?

— Não.

— Pois ainda parecia. Andei a pé, os rapazes acordaram, choraram... e tu nem deste fé... Digo-te que não dormias assim há muito tempo...

Calam-se. Ela levanta a blusa e dá uma mama ao menino que está ao colo. Não tem ainda vinte anos, pois casou-se rapariguinha de dezassete. É bonita. Apesar de pálida, emagrecida, do cabelo descuidado, dos dois filhos, a sua carinha redonda e branca como uma bola de neve tem um ar de ingenuidade e doçura. Quando olha o homem fá-lo ainda com uns olhos em que há, intacto, todo o amor e confiança — nenhuma sombra de amargura ou de desespero. É ainda uma rapariga.

— O que me custa é não poder ouvir o «folhetim». Era tão lindo! Não devias ter vendido o rádio — diz ela.

— Deixa lá o «folhetim» — desculpa-se ele. — Tens ainda alguns livros. Isso do «folhetim» não vale nada. É falso, tudo falso. «Sem amor»... Até o título é ordinário.

— Mas eu gosto. Toda a gente gosta. Não há vizinha que não ouça. Para mim é um «folhetim» muito bonito!

Ele não insiste. Mastiga o que lhe resta da ceia. Mastiga devagar. Bebe um gole de vinho e faz uma careta.

— Deitaste água no vinho — diz.

— Sabes muito bem que deito água no vinho. Sabes que está a vinte e seis tostões o quartilho! Ninguém lhe chega — diz ela. — É só compro por tua causa.

— Não se pode beber, não... Amanhã não compres.

O menino mais velho acaba de comer e quer saltar para o chão. Não vê o rádio e olha, sem entender, para a mesinha nua.

— Mãe, o rádio? — pergunta o menino.

A mãe encara o marido e este deixa cair os olhos no prato. Diz a mãe:

— Vem amanhã... está no homem a arranjar... amanhã já vem...

— O home, qual home? — volta o menino.

— O homem que ajeitou o triciclo... Vai trazê-lo amanhã...

O menino cala-se por um instante. Diz depois:

— Pai, quero ir pró chão. Já papei tudo.

O pai tira-o da cadeira e, com um guardanapo, limpa-lhe as mãos e a cara besuntadas de gordura. O menino mais novo mama furiosamente. Diz ainda o menino mais velho:

— Pai, a luz grande?

— Que luz? — tenta a mãe enganá-lo.

— A out'a lampa. Esta é a lampa que 'tava na ret'ete. Esta lampa é pequenina — insiste o menino.

— É nada — diz o pai.

— É, é! — diz o menino.

— Bem... a outra lâmpada também foi para ajeitar... — diz a mãe.

E o menino :

— Pró home que ajeitou o t'iciclo ?

— Sim, para o homem que arranjou o teu triciclo...

Ainda o menino, rindo para o pai :

— Vê, pai : esta lampa é out'a ! Esta lampa 'tava na ret'ete !

O pai murmura qualquer desculpa e o menino contenta-se. Brinca no chão com um velho e espatifado boneco de folheta. O menino mais novo larga a mama da mãe e adormece. A mãe, distraída, nem cobre o peito com a blusa. O homem olha o peito da mulher e pensa : «Em que está transformado o bico daquele seio! Como aquela roseta alargou!»

— Tens de tirar o peito ao menino — diz para ela.

— Ora, o menino é tão novinho ! — diz a mulher.

— É novinho mas já tem dentes... e tu tens isso numa ferida. Anda, tira-lhe o peito.

— Tiro nada. E que lhe dou depois ? Falias bem ! — diz ela.

— Ele já come — teima ele.

Ela deixa cair a blusa, cobre o peito e fica longo tempo, enlevada, a olhar o menino que dorme. Ele acende um cigarro. O outro menino traquina no chão, muito divertido com o boneco de folheta. Pela janela entra o morno duma noite de Verão. As estrelas, muito quietas, brilham fraco no céu escuro e sem nuvens. Não sopra uma brisa. Na rua gemem os pneus dum carro.

Ela, a medo :

— E então, conseguiste alguma coisa? (Ele não responde). Vai em meio ano que estamos nisto... Até dá vontade de chorar...

— Não sou eu quem te proíbo de chorar — diz ele, depois de fazer demorar a resposta, os olhos postos nas volutas do fumo do cigarro. — Chora quando quiseres.

— Não choro para não te desanimar e porque não adianta — diz ela.

— Sim, dizes bem, não adianta chorar nem desanimar... Dizes muito bem.

— Mas tu é que desanimas, homem! É o teu mal. Não te mexes, não tentas tudo, não fazes como os outros!

— É que não posso fazer como os outros. Não tenho estômago, percebes? — diz ele.

— Isso é orgulho, é o que é. Sempre foste assim. E disse-me a tua mãe que já o teu pai era assim. Nunca gostaste de abaixar-te diante dos outros.

— Enganas-te. Detesto os outros. É isto só. Detesto malandros, percebes? Preciso deles porque isto é deles, mas quero ter sempre força para os detestar.

— Aí está! Se tu pedisses... se fizesses um esforço... se não fosses orgulhoso... Desgraças-te por causa disso.

— Se eu fosse mais um impostor, diz assim.

— Serias como toda a gente, e um pobre tem de se humildar, sabes bem. Já tinhas arranjado qualquer coisa...

— Tens a certeza? Talvez te enganes.

— Se pedisses...

— É o que tenho feito. Tenho-me estafado a pedir. Sabes que não tenho feito outra coisa.

— Mas não pedes como deve ser... como eles gostam...

Silêncio outra vez. Ela olha para a janela aberta e pensa: «Se não fecho a janela fica-me a casa cheia de mosquitos.» Levanta-se e, sem tirar o menino do colo, corre a janela. Não se senta mais. Fica olhando a noite através da vidraça e lembra-se do pavor que sentiu naquela madrugada em que se viu só, a cama vazia, os meninos dormindo.

— E os teus amigos? — volta ela. — Tens tantos amigos e nem um só te vale...

— Os meus amigos não têm dinheiro. Eu só tenho amigos sem dinheiro.

— Mas às vezes podiam conseguir-te um emprego... às vezes as coisas estão onde não se esperam...

— Não te iludas. Só quem tem dinheiro pode arranjar empregos.

— Mas tu tens alguns amigos que são ricos, então eu não sei! Tu é que não pedes...

— Enganas-te. És ainda uma criança.

— Olha o velho!

— Claro que és ainda uma criança. Fica sabendo: não há ricos amigos de quem não tem que comer. O rico é amigo do rico, e sabes porquê?

— Porquê? — diz ela, fixando os olhos nele.

— Porque o outro rico de quem é amigo não precisa nem de dinheiro nem de empregos... É muito incómodo ser-se amigo de quem pode pedir a todo o momento...

Ela volta a olhar a noite. Os faróis dum carro que dobra a esquina da rua encandeiam um ciclista e este quase cai. É uma cena mui-

to rápida, que não chega a desviá-la dos seus pensamentos. Sente que o homem tem razão, mas é uma razão que não resolve o problema. Sente que é doloroso ter razão assim. Ela gosta de ouvi-lo e sempre o ouve. Às vezes, na cama, quando o sono tarda, ele conta-lhe coisas intermináveis, que ela escuta embevecida. São mistérios que ele lhe desvenda. Quando não percebe, pede-lhe que repita, e ele repete pacientemente, numa voz calma, segura — e ela sente que ele tem a certeza de estar a falar acertado. Mas agora é preciso contrariá-lo, duvidar, insistir, enervá-lo.

— Tu tens razão, não digo que não. Mas os nossos filhos, homem! Temos de pensar neles! Pensa neles!

E como tem de arrumar a louça ela pede-lhe que pegue um instante no menino mais novo. Num momento alisa a toalha da mesa e lava os cacos. Está já outra vez diante dele, com a criança no colo.

— Amanhã vêm receber a luz — diz ela. — É o último dia e já cá vieram ontem. E vêm do Correio receber o semestre do rádio.

— Do rádio?

— Sim, da Emissora... sabes muito bem.

— Não se paga. Já não temos rádio.

— Mas não demos baixa dele. Tens de escrever para lá a dar baixa.

— Não se paga, já disse!

— E a luz? A luz é preciso...

— Diz que espere mais uns dias.

— E se a cortam? Quando não se paga eles cortam...

O menino mais velho enche-se do brinquedo e agarra-se às pernas do pai. Cabe-

ceia de sono e quer colo. O pai pega nele, e instantes depois o menino adormece também. Escalda, o rosto parece um tomatinho.

Ele e ela têm agora um menino no colo. É ele desta vez quem fala primeiro :

— Não devias ter casado comigo — diz.

— Não sei por que dizes isso !

— Não devias. Era melhor para ti.

Ela fica muito séria e demora um pouco a responder-lhe.

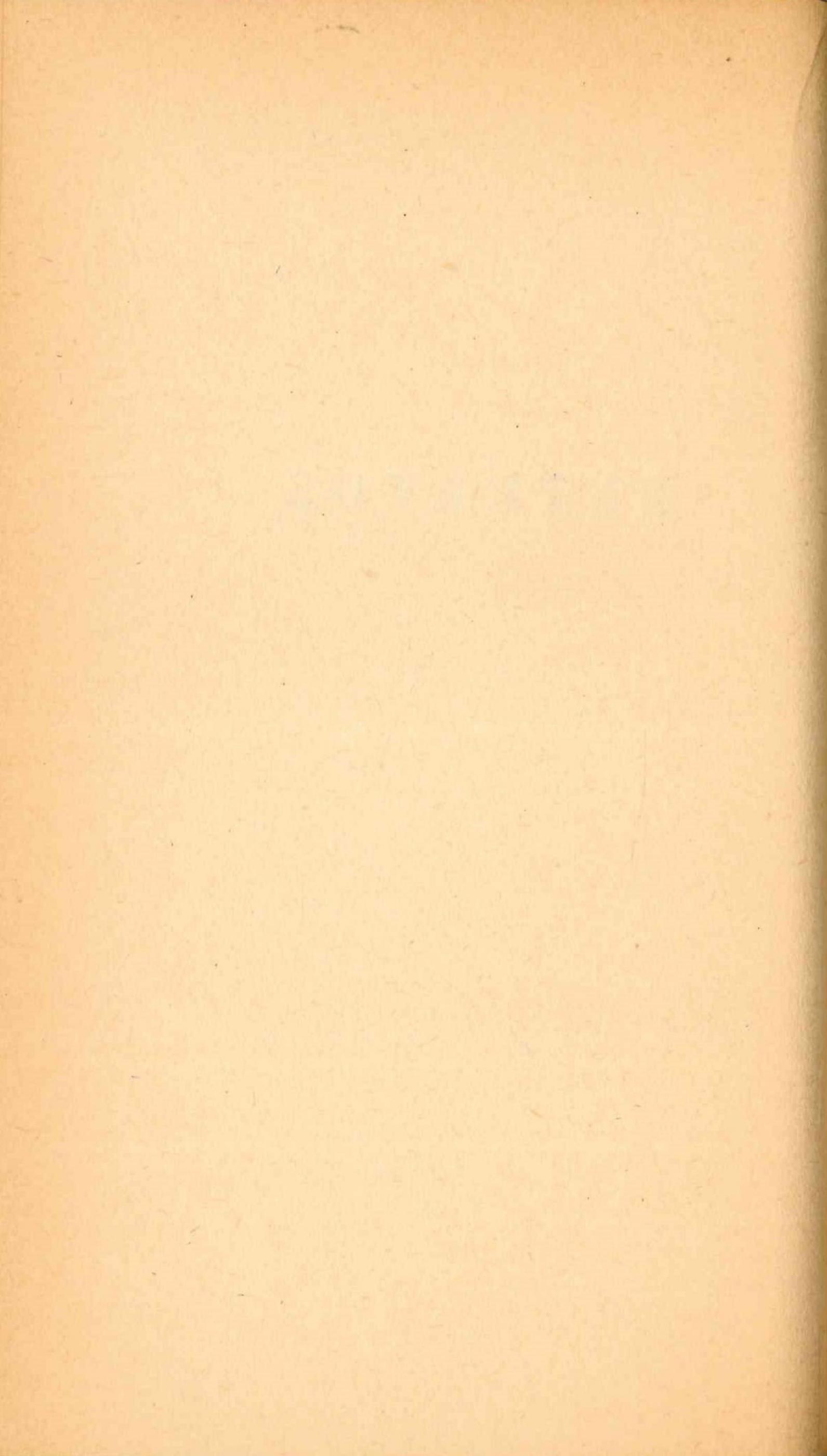
— Estás arrependido ? — diz, prestes a chorar. — Já não gostas de mim ?

— Não é isso — diz ele, percebendo que ela vai chorar. — Não é isso que quero dizer.

— Não sei então por que me falas assim. Só se é para me veres chorar ! Só se é para me dares desgosto !

Ele já se arrepende. «Que não, que não é para lhe dar desgosto», diz-lhe. Ela porém parece não sossegar. Vão deitar os meninos e deitam-se também. Ele não costuma deitar-se logo no fim da ceia, mas ela fica contente de ele o fazer desta vez. E às escuras, enquanto se despem, como se a querer agradecer-lhe, ela diz : «Tu sabes bem que eu não estou arrependida, sabes muito bem...»

RETRATOS



Não podia calcular há quanto tempo estava metido no gabinete. Também não lhe interessava. Desta vez tinha-o todo por sua conta, e não ia maçar-se com tal bagatela. Normalmente, porém, o tempo revestia para ele uma importância extraordinária.

Através da janela aberta, via o dia morrendo lá fora, mas não se mexia. Caíra na poltrona de olhos cerrados, braços relaxados, meditabundo, queimando cigarro atrás de cigarro, numa sensação de moleza que lhe sabia bem.

Bateram à porta do gabinete e ele não respondeu, nem ouviu. Como estava, como ficou: agarrado ao nó dos seus pensamentos, cigarro ardendo entalado nos lábios. Então bateram mais forte, embora ainda timidamente, e uma voz disse: «Senhor Doutor... o menino ainda não voltou... não sei o que anda a fazer fora a estas horas...» E o Doutor Querubim ouviu desta vez. Pareceu despertar, pois os seus pequeninos olhos de azeviche rebrilharam intensamente e percorreram todo o aposento, como que em busca daquela voz. E a voz outra vez: «Senhor Doutor... estou com medo de que tenha acontecido algum mal ao meni-

no...» Querubim falou seco: «Entre!» E a criada entrou, fingindo preocupação muito grande.

Era ainda uma rapariga: corpinho de vime, carinha pequena, narizinho arrebitado e petulante a dar-lhe um ar espevitado. A atmosfera carregada do aposento não a surpreendeu, pois o patrão ganhara de repente aquele vício de fechar-se lá dentro. «Estive a falar com a senhora Maria e ela mandou-me ter com o Senhor Doutor..., o menino nunca fez isto... Lanchou, saiu... e nunca mais voltou...», disse ela, de olhar esquivo, como se não gostasse ou não pudesse olhar de frente o patrão. Querubim não respondeu logo. Também ele não pôs os olhos na rapariga. Sem largar a poltrona, limitou-se a esmagar nervosamente o cigarro no cinzeiro. «Foi... há para aí uma hora que o menino...» Querubim fez um gesto de enfado. Mas numa viragem, olhinhos cintilantes, cravou uma mirada relâmpago na criada. E então disse, numa vozinha de grilo: «E eu é que vou procurar o menino? Foi para isso que você veio maçar-me, ora diga lá?!» A rapariga balbuciou: «Bem... eu... era a ver o que o Senhor Doutor dizia...» Querubim ergueu-se finalmente da poltrona, acendeu novo cigarro, chegou-se à rapariga, mirou-a com o seu jeito fulminante, caiu outra vez sentado. Fez todos estes gestos com um desembaraço incrível. «Bem... vou-me embora...», arriscou a criada, sabendo que só retiraria quando o patrão ordenasse. E como ele não ordenou, ela esperou. Com o canto do olho, Olinda ia observando o modo cómico como ele mamava nervosamente no cigarro. Enervante, o silên-

cio esticava, mas Querubim acabou por decidir-se: «Menina, levante-me aqui este estore um pouco mais...» Ela arriscou uns passos em direcção à janela. Se ele estivesse a olhá-la nesse instante, descobrir-lhe-ia nos lábios um sorrisinho matreiro, entendido. A poltrona havia sido empurrada propositadamente para junto do estore. Olinda para chegar à janela tinha de quase debruçar-se sobre o corpo sentado do patrão. Uma artimanha do Senhor Querubim... Uma artimanha descarada. Ela porém sabia com quem lidava. Correu o estore e quase se deixou tombar sobre o corpo dele, a tentá-lo. Em vão, pois as suas mãos teimaram em portar-se como as mãos dum morto. Batida de mil namoros, ela quase sentia dó de tamanha timidez. E ele, irritado, a vozinha mais grilada, soube apenas ordenar-lhe que fosse despejar o cinzeiro e que entretanto dissesse à senhora Maria que saísse lá fora em busca do menino. «Vá, despache-se!»

De novo só, Querubim tentou acomodar-se melhor ainda na poltrona, os olhos postos na paisagem que se via da janela. Tinha diante de si um céu azul, sem uma nuvem, latadas e vinhas ondeando campos fora e um sol doirado, de fim de dia, escoando-se entre maciços de verdes descoloridos e monótonos. E dando consigo a pensar no filho e a tentar descobrir o que ele andaria fazendo lá por fora, um breve sorriso, que parecia desdenhoso, subiu à tona dos seus lábios. O menino não o preocupava. Nem o preocupava o entranhado affecto que a senhora Maria, velha cozinheira que há tantos anos o servia, parecia dedicar à criança.

Ele nunca dispusera de tempo para compreender pequenas coisas como estas. Coisas da velha... coisas da velha... Mimava o rapaz, mas deixá-lo. Porém... porém... é estranho como estas particularidades insignificantes se repetem... — vai pensando Querubim, deixando-se embalar, o sorrisinho mantendo-se à tona dos seus lábios. Senão era ver... Curioso, não há dúvida... Recorda perfeitamente outra velha criada que seus pais tiveram quando ele era também criança. Também ela teve para o menino Querubim mimos e amores... Curioso, imensamente curioso... Vê-se a choramingar nesse dia longínquo em que a velha Leonor caiu de cama para se finar daí a dias entre suspiros que lhe partiam o coração. Como o tempo voa, meu Deus! Analisando-se agora de fugida, assim por desfastio, Querubim fica sabendo que a velha Leonor não ocupou nunca um autêntico lugar no seu coração. Gostou dela, em menino; mas morrendo, Leonor foi como um traste que se arrumou no sótão e quase se esqueceu. Agora ali tinha outra velha a mimar outro Querubim menino... Coisas de velhas... ninharias... Desvia os olhinhos da paisagem e consente-lhes que vão pousando, devagarinho, viciados, nos objectos do gabinete: velhas recordações, coisas sem importância de maior, outras que estima vivamente, um retratinho da mamã quando solteira, um cinzeiro de cobre martelado que vinha do avô, um cachimbo que foi do pai, uma pequena aquarela que há anos comprou a um jovem pintor faminto, um livro sobre a mesinha, uma abelha perdida que entrou pela janela, um banquinho de piano, uma perna da

secretária de velhíssimo pau-preto, uma estampa de Pio XII, o tampo da secretária, papelada, outro retrato... ah... um retratinho de Querubinzinho menino, muito amarelecido, insignificante: carinha mimada, cabelinho muito bem apartado, risca perfeita. Querubim queda-se a mirar o retratinho, muito sério, os olhinhos fazendo o milagre de não bulirem. Mole, estende o braço e retira o retrato do tampo da secretária. É um retratinho que a mamã adorava, que a mamã costumava exigir que nunca destruíssem. Ninharias... Ninharia é tudo que não entende, e ele nunca entendeu a estima da mamã por aquele retrato. Ela tinha tantos: maiorzinho, menos crescidinho, mais gordinho, mais magrinho... Ninharias. A mamã... ora a mamã... só quem a conheceu..., dava-lhe para mais aquela cisma!, e daí... talvez o retratinho guardasse alguma grata recordação para ela..., talvez a data, o dia, a hora em que o mandou tirar..., alguma alegria, algum desgosto, alguma prenda cara do papá, talvez o galanteio de um desconhecido com que cruzasse na rua, a caminho do fotógrafo..., talvez a mamã... ora!... que era bonita sabia-o ele... ora!... Querubim desiste. Ninharias! Deixa cair o retratinho entre os joelhos e volta, enfasiado, a olhar a paisagem. Lá de fora, do caminho, chega-lhe a voz da velha cozinheira, que interroga alguém sobre o destino do menino. Uma paz maciça parece cobrir os campos, as latadas, as vinhas e as uveiras. Algures, longe, uma nora põe gemidos no ar. Rolos de fumo sobem dos telhados de cozinhas humildes e esperam que uma brisa os disperse. Um sol melancólico,

amarelo, teima em incendiar a vidraça duma vivenda vizinha. Um gavião plana, majestoso, no azul do céu. Querubim cansa-se da paisagem e volta a fitar o retratinho que nunca estimou. Sim, que nunca estimou. Um tédio abafante mexe-lhe com os nervos. E vai pensando que não daria o cachimbo do pai por dinheiro nenhum, que sofreria um grande desgosto se perdesse o cinzeiro de cobre martelado, mas o retratinho... Não lhe tivesse a mamã implorado que sempre o conservasse... Está a ouvi-la: «Filho, eu amo este retrato, adoro-o, ouviste? Não queiras compreender. Peço-te que o conserves sempre. Promete, Querubim!» A mamã estava de cama nessa altura, doente sem gravidade nenhuma, mas teimando em imaginar que ia morrer. Embora ainda bem conservada, ali na cama, agarrada àquela estranha mania da morte próxima, o cabelo descuidado, os lábios sem *bâton* e o rosto sem *rouges*, a mamã parecia uma macaca. E espiçado pela imagem, o sorrisinho sarcástico faz outra vez das suas nos lábios de Querubim. «Sim, filho, eu adoro este retrato..., eras tão bonitinho com a blusinha de seda...» A imaginação da mamã! Querubim andava então na Universidade e viera de férias. Encontrara a mãe esquisita, um pouco abatida, de relações outra vez azedas com o papá, a criadagem cochichando pelos cantos, pondo um mistério no ar. Não quis saber. Era mais um amuo entre os velhos. Chateou-se só com o facto de a criadagem estar ou parecer estar dentro do segredo da desavença. Coisas da mamã. Eles que se desatassem. De volta a Coimbra, lembrava-se ainda daquela cisma da

mãe: «Filho, promete...» Prometera, rindo e irritando-a. Tempos depois os papás separaram-se, e foi um escândalo que muito o amofinou. Tudo porque a mamã não tinha sabido guardar as aparências. No seu quarto de estudante Querubim esmoeu ameaças à mãe e riu mais uma vez das suas preocupações acerca do retratinho. Mas tudo havia de serenar depressa. O papá era um bom. Logo que a mamã, entediada de mais uma aventura, esboçou a reconciliação, ele fez um pequeno discurso e condescendeu. E foi um sincero alívio para Querubim aquela carta do velho a relatar-lhe o sucedido e a vincar-lhe «que se ambos voltavam a unir-se o faziam mais por ele, filho, do que na esperança de virem a dar-se bem no futuro». Recordava tudo perfeitamente, e um esgar acentua-se na careta de Querubim. Onde isso ia. Dias após a carta do pai, recebia uma longa e melada prosa da mãe, com um *P. S.* alusivo ao retratinho, que uma criada deixara cair, partindo-lhe o vidro e amachucando-o, ao de leve, num canto. Estava Querubim prestes a formar-se e fizera um curso brilhantíssimo. Uma cabeça gabada! Metera-se em literaturas e a publicar artigos em primeiras páginas de jornais. Começava a fazer nome, quando o pai o chamou a Lisboa. «Que precisavam conversar muito sèriamente», dizia-lhe o velho. Querubim tardou, e ele escreveu-lhe de novo a vincar a urgente necessidade de falarem muito sèriamente. Intrigado, meteu-se no comboio, imaginando que lá rebentara mais uma entre os pais. O velho, que não o via há meses, recebeu-o, apesar disso, com os seus habituais

modos frios e bruscos. Mas Querubim não estranhou — era feitiço do velho, um feitiço que devia ter azedado ainda mais com a leviandade da mamã. Sentou-se, por isso, tranquilo. Jamais Querubim viria a esquecer essa hora em que se fechou no escritório com o pai; jamais deixaria de rememorar todos os pormenores da entrevista: os passinhos miúdos que, antes de falar, o viu dar no gabinete; as mãos cruzando-se e descruzando-se atrás das costas; o corpo já caduco, tombando para diante, como se procurasse no desenho do tapete as palavras que tinha de proferir; um ciclista desastrado que na rua chocara com um eléctrico e o burburinho que os levou a ambos, por um instante, a debruçarem-se à janela; até que finalmente o velho resolveu sentenciar e saiu-se de facto com conversa muito séria: «Querubim, meu filho, fala-te a experiência. Peço-te por isso que me ouças. Ora ouve: venho lendo tudo que tens escrito e, além disso, devo confessar-te, dei-me ao cuidado de pedir informações a velhas amizades que fiz lá em Coimbra. Amizades que te têm servido muito, acredita. E digo-te, filho, que estás a comprometer-te... Sabes como eu penso. As tuas ideias não me agradam nada. Andas entusiasmado com causas falidas. Garanto-te, Querubim, tudo isto vai levar uma grande volta! Sonda, escuta e deduz pela tua cabeça. Nada de topadas que depois não possas remediar. Isto está falido e já não se aguenta mais. É um comboio descarrilado, garanto-te!» Raposa fina, o velho. Pena a mamã ter aquelas fraquezas que davam cabo dele. Querubim escutou, sondou e deduziu. Não havia dúvida, o

pai sabia o que dizia. Mudou por isso a cor da tinta da caneta, respirou fundo, desatou a soterrar onde até ali havia cavado. E quando a coisa nova estourou, encontrou-o embalado na corrida, entusiasmado, sem manchas velhas, filho legítimo duma causa, um genuíno resgatador rasgando-se em febres! Ah, Querubim, que abnegação, que heróica luta! Rolaram os anos e ele sempre a servir a causa com a mesma fé, com o mesmo ânimo em supremos fins. O pilar duma obra, não havia dúvidas! Miúdo, sempre sequinho, vozinha de grilo palrador, mas uma energia firme de iluminado, Querubim deu exemplos. E pulou como quis. Envelheceu um pouco, a carinha de fuinha chupou-se-lhe um nico, mas consolidou-se. Quando olhou para trás, olhou de cima: Coimbra ia longe, e meio esquecidos, só os que fizeram ouvidos de asno ao pregão que tudo abalara. A esses, desprezou-os. Bem os via ainda, mesquinhos, vegetando em prado estorricado, enganando o estômago com farrapos de antigos sonhos.

Olinda trouxe o cinzeiro limpo. Tossicou e disse que o menino ainda não havia voltado, mas Querubim não a ouviu. Olhinhos semi-cerrados, carinha chupada, o retratinho abandonado nos joelhos, dir-se-ia um boneco empalhado. Meditava. E ela deixou-se ficar, silenciosa, observando-o. Mas a espera aborreceu-a. Tossicou outra vez. Nada. Querubim parecia adormecido. Olinda bateu a porta e saiu.

Pelo cinzeiro limpo, Querubim percebeu que ela havia entrado e saído. Arreliado, pen-

sou que a rapariga tinha pés de gata. Chamou-a e disse-lhe: «Então a menina não sabe que deve pedir licença antes de entrar!» E ela, fervendo, foi-lhe respondendo «que pedira licença, sim senhor; que o senhor Doutor é que não dera fé, que até tinha dito que o menino ainda andava lá fora». Não agradou a Querubim o ar refilão de Olinda, mas calou-se. Pousou nela os seus olhinhos irrequietos e logo os afastou. Era sempre assim. Olhinhos fugidios, agudos, pousavam e desviavam-se das coisas e das pessoas como se estas os queimassem; eram duas bolinhas saltitantes.

Querubim, ainda esmoendo a resposta afiada da rapariga:

— Então o menino ainda não veio... E a senhora Maria?

— Também não, que eu saiba...

Olinda, viva, percebeu o aborrecimento do Doutor por tê-la repreendido sem razão, mas mais, muito mais, por ter-se deixado surpreender enleado nas suas cogitações.

— Então a menina pediu licença... Desculpe, distraí-me um pouco... confesso...

Ela condoeu-se. Sabia que não podia condoer-se do patrão, mas ao vê-lo assim tão pequenino, tão sequinho, e a desculpar-se... Era boa rapariga, mas quase lhe perdia o respeito. Sabia-o um homem importantíssimo, um homem que falava de alto a meio mundo, mas ao olhá-lo assim sòzinho quase sentia pena dele, o seu coração de rapariga enternecia-se.

Olinda viera com ele de Lisboa, mais a cozinheira e o menino. E era criada da casa ia em quatro anos. Os outros criados ficavam na casa de Lisboa. Havia também casa em

Coimbra, mas ainda não a conhecia. Rico como um pote, o Senhor! Porque nas praias o não largavam, ele enchera-se de mar e comprara então o chalé, onde estavam agora a passar um mês de férias. «Um mês de esquecimento, perdido numa toca lá no Norte...» — dissera uma vez o Doutor Querubim a um amigo curioso. Olinda, apesar de criada novinha, ficara depressa no conhecimento da vida íntima do patrão. A criadagem antiga a informara do passado; ela viu o que veio depois. Além disso a senhora Maria, envelhecida e medrosa, não gostava nada de dormir sòzinha; e como por vezes ficassem ambas na mesma cama, a cozinheira chamava pelo sono arredio desfiando-lhe histórias da senhora e do patrão. «Anos atrás — confienciava a cozinheira — os senhores gozavam férias ou na praia ou lá fora no estrangeiro. Mas aí o patrão não sossegava. Era muito conhecido e não o largavam. Depois, ciumento pela senhora... Encheu-se e resolveu comprar uma vivenda boa, mas escondida e longe, para que as relações e os maçadores o não pudessem topar durante um mês por ano, ou numa ou noutra semaninha em que quisesse fugir ao bulício de Lisboa. Ele trabalha muito e precisa de descansar. Foi assim que comprou este chalé. E é para passar mais despercebido que se mete aqui neste fim do mundo e só nos traz à nós e ao menino. Nem quer que lhe escrevam para aqui.»

Olinda era a primeira vez que vinha ao Norte com o patrão. Mas a esposa de Querubim nunca tinha posto pé na propriedade. Murmurava-se, na casa de Lisboa, que Que-

rubim fugira a praias não apenas porque umas férias no chalé fossem mais repousantes, mas também porque alimentava uma esperança escondida: que a mulher, entediada e arrependida, se lembrasse duma reconciliação e não quisesse fazê-la em Lisboa; viria ter com ele ao Norte e aqui ficariam uma temporada a remoer culpas de ambos. Dizia-se até que Querubim havia proposto isso à mulher, que implorara. «O nosso patrão — insistia a senhora Maria, mesmo quando Olinda dormia já — foi sempre assim um mole em tratando-se da senhora. Com o menino é muito diferente. Não que lhe ralhe muito ou lhe falte com nada... Mas se não fosse eu dar os mimos ao menino... É um dó de alma ver uma criança crescer assim sem os carinhos da mãe.»

Querubim acendeu mais um cigarro.

— Peço-lhe desculpa, menina... Confesso que não a vi entrar...

Olinda olhava-o, atenta, confundida com tantas desculpas.

— Eu até... — ia dizer, mas ele cortou.

— Não, não falemos mais nisso. Estava preocupado e não a vi.

E bruscamente:

— Olhe, vamos no fim da semana para Lisboa. Pensava nisto quando você entrou.

Olinda não compreendeu logo.

— Como, senhor Doutor?!

— Disse-lhe que vamos no fim da semana para Lisboa...

Apanhada de surpresa, ela teve uma expressão atarantada, que ele notou. A cozinheira, que era sempre a primeira a saber das resoluções do patrão, não a tinha prevenido, e

além disso o fim do mês vinha longe. Estavam ali apenas há uns dias.

— ... isto é, volto eu e o menino... Vocês ficam mais uns dias. Falta vindimar e é preciso que fiquem cá até que mande gente para tratar disso. Depois vão.

Tinha coisa com ele, não havia dúvida. Olinda nem sabia o que pensar. Primeiro, voltar sem mais nem menos para Lisboa; segundo... segundo, ele nunca se punha com explicações. Nem mesmo quando se encontravam assim sòzinhos o Doutor dava confiança.

— Vai gostar de voltar tão cedo, não?

— Eu... — fez ela. — Eu...

— Vai, claro... Diga-me, menina, há quanto tempo serve em minha casa?

Querubim falava com despreendimento, como se de repente tivesse resolvido mandar à fava o polimento, a ênfase que a sua vozinha de grilo ganhava sempre que se dirigia aos criados ou a inferiores. Olinda percebia-lhe nos lábios fininhos, que dir-se-iam permanentemente retorcidos de dor, um arremedo de sorrisinho maldoso, irónico. Nunca o vira assim.

— Eu... eu sirvo vai para quatro anos... era o menino mais pequeno...

— Diga-me, não é mesmo lá de Lisboa, pois não?

— Não...

— Nota-se... isso nota-se... Diga-me... (Querubim hesitou, como se a pesar qualquer inconveniente inesperado, mas logo continuou, num tom que queria ser natural). Diga-me, menina, conhece a senhora, pois conhece?

— Conheço, senhor Doutor. Foi a senhora que me aceitou como criada. Até falou bem de

mim à cozinheira. Recomendou-me muito bem... É uma boa senhora...

— É, é uma boa senhora. Diz muito bem. Sabe... a menina sabe que ela está aí a chegar do estrangeiro? Anda lá por fora há tanto tempo!

Olinda abriu a boca, ingénua. As asinhas delicadas do seu nariz arrebitado pareciam denunciar todo o nervosismo que ia nela. Querubim falava sem a olhar e mirava outra vez, com modos enigmáticos, o retratinho. Estava pálido.

— Diz bem... uma linda senhora... Está aí a chegar... Tem saudades dela, não?

— Sim, senhor Doutor. Todos temos saudades dela...

Como se a querer sossegar o coração, a rapariga espalmava uma mão no peito e cravava no patrão um olhar muito parado, muito atento. Mas ele emudeceu repentinamente. Ela viu-lhe o sorrisinho irónico sumir-se antes mesmo dele ter pronunciado as últimas palavras, e viu-lhe a carinha seca fechar-se, dura; viu-lhe ainda uma mão correr ao longo duma coxa e parar no joelho, apertando-o até os dedos se crisparem.

— Vá-se embora, menina! — disse ele então.

E Olinda saiu, aturdida, mordiscando um dedo, quase caindo no encerado do corredor.

Mal ela bateu a porta, Querubim pulou da poltrona, agitadíssimo. Empalidecera, e as sobrancelhas, fartas para uma cara tão miúda, assanharam-se. Os olhinhos faiscavam de furor. No cocuruto da cabeça, um tufo de cabelos, já de si avesso a pentes, dir-se-ia os espinhos dum ouriço. «Portara-se como um im-

becil, não havia dúvidas! Que ia a rapariga ficar a pensar?!» Mas esta agitação durou apenas um relâmpago, pois depressa caía de novo na poltrona, abatido, resmungando surdo. Tentou distrair-se com a paisagem monótona, mas que o crepúsculo valorizava. Em vão. Uma sensação de tédio irremediável parecia abafá-lo. Deixou então que os olhos perseguissem mais uma vez os objectos e a decoração do aposento; depois do cachimbo do pai, do cinzeiro do avô, das pernas da secretária e dos motivos da tapete, pôs-se a tentar ler nas lombadas dos volumes duma estantezinha de mogno. Nada. Usava óculos para ler. Outra vez a paisagem. Chatice. Escapou-lhe um suspirinho de desânimo e estendeu mais as pernas. Não, não tinha jeito. Nem sabia a que atribuir o desespero, o abafamento, o tédio doentio que o perseguia nos últimos dias. Ambicionava repouso e o repouso acabava por aborrecê-lo. Nem a leitura o distraía já. Valia-lhe a manhã, que passava flanando no jardimzinho mal cuidado. Não, não via remédio: voltaria a Lisboa. O trabalho, a que se votara arduamente longos anos, queimara-o para sempre. Devia ter-se poupado, mas não. E agora estouraria a trabalhar. Era a solução. Enquanto fosse lutando tenazmente, sem dar-se tréguas, não teria de se colocar diante de si mesmo, ruminando desgostos e passos irremediáveis. Ali tinha o resultado do descanso: todos os detritos passados, que pareciam esvair-se no fundo do esquecimento, davam em vir à tona e empestar-lhe a paz. Em Lisboa engrenaria novamente no seu ritmo, retomaria velhas intrigas e reacenderia novos

fogos que o fossem consumindo: tinha ali tudo à mão, o seu mundo à mão, à mão as suas cadeiras de membro de muitos conselhos de administração e a febre dos golpes de audácia, uma audácia revestida de todas as garantias, diga-se, mas que deslumbrava os tansos que abancavam à mesma mesa das momentosas resoluções; tinha ali, para o enredar, toda uma teia que tecera em anos de intensa dedicação. A tudo isso se entregara, e iria até ao fim. Sim, voltaria a Lisboa. Uma imbecilidade pôr-se com mistérios diante da rapariga. Querubim surpreende-se a bater com o retratinho na coxa, como se a acentuar a cadência dos seus pensamentos. E mira-o com curiosidade. Por todo o tempo, mesmo quando pulou da poltrona, mesmo enquanto falou à criada, o retratinho ora o teve na mão ora o deixou descansar numa ou noutra perna. Olhando-o, este acorda nele as mesmas e estafadas reminiscências, agita os mesmos detritos que o envenenam. Aí lhe vêm mais uma vez a mamã, os desgostos do papá, a velha Leonor que tanto o mimou... oh, e lá está, subindo à tona dos seus lábios mirrados, o sorrisinho velhaco, viciado, a insinuar-se... E Querubim tem a consciência de que sorri. Sabe que sorri da mamã e das suas faltas, sabe que sorri do papá e das suas fraquezas e do seu «falar muito sèriamente», sabe que sorri até da velha Leonor, sabe que sorri também de si mesmo, mais de si mesmo, sabe que sorri daqueles que atropelou pela vida fora, daqueles que serviu, servindo-se. Sabe que o seu sorrisinho é um escárnio que lança nisso tudo, e que ele, Querubim, está no meio

disso tudo. Um tipo importante! Porcaria! O papá e as suas conveniências e a mamã fazendo poucas vergonhas! Gente importante, os papás... E ele, Querubim? Vá, e ele? Não os imitou sempre, sempre? Ora, Querubim, deixa-te de prosápias... Ainda agora tentavas iludir uma pobre rapariga... Sabes que nem ela acredita no regresso de tua mulher! Olha bem esse retratinho que a mamã tanto estimou e que parece preso às tuas mãos, esse retratinho que tu detestas! Vá, olha: Querubinzinho aos oito anos... Um fuinha já, um meladinho, ridículo nos sapatinhos de polimento, na risquinha impecável do cabelo, na camisinha de seda de menina. Querubinzinho aos oito anos... Vá, confessa... Ah, retratinho odiado! Como és bem a imagem dum frustrado, dum encolhido, dum fraco! Como és bem a mamã, o papá, Querubim, o filho de Querubim! Vês?... Confessa. Vá... Mamã, pobre mamã, que te enganaste! Não percebo. Gostavas tanto deste retratinho! Porquê deste e de nenhum outro? Dize-me, mamã... Oh, não, não! Peço-te que te cales! Peço-te, ouviste?!

Preparava-se para chamar a criada quando ouviu alarido dentro de casa. Um momento depois entrava Olinda, voz engrolada, sem pedir licença, aflita. E Querubim, trémulo, deu um pinote na poltrona.

— Senhor Doutor, ai, senhor Doutor, aqueles demónios tosaram o menino!

Querubim oscilou com uma tontura e teve que agarrar-se à secretária. Ia a falar, mas já os passos pesados da cozinheira, mais um berreiro estridente de criança, reboavam no cor-

redor. Pálido de indignação, a carinha chupada em convulsões, correu para a porta, com a rapariga por detrás dele a gemer «ai Jesus, ai Jesus o que fizeram ao menino!» Irritadíssimo, Querubim intimou Olinda a que fosse gemer lá para fora, e fechou-se no gabinete com a cozinheira e o menino. Este, como se estivessem a esfolá-lo, não se cansava de berrar. Misturado com ranho, o sangue pingava-lhe, abundante, do nariz e entrava-lhe na boca escancarada. A camisinha de seda estava em tiras. Uma triste figura. Querubim ia ficando louco de assombro e os seus olhinhos esgrimiam. Ditou à velha criada que falasse sem rodeios que ninguém entendia, e esta falou:

— Olhe o senhor Doutor: encontrei no caminho o menino neste estado. Uma malvadez. Só ele sabe quem lhe chegou assim. Diz que uns garotos daí o desafiaram para irem todos roubar peras...

— Roubar peras?! A senhora disse «roubar peras»?! — gritou, fuzilando a velha.

— Assim mesmo é que o menino conta: que foram roubar peras aí para diante e que... e que depois os outros garotos o puseram neste lindo estado... Vá, conte o menino ao papá! Sabe que isto é uma aldeia e que não devia dar confiança a essa canalha! Conte lá.

A pobre mulher tinha lágrimas nos olhos; tentava estancar o sangue da criança, mas o menino, mimalho, não consentia nem deixava de chorar. A mulher insistia e então ele dava-lhe punhadas no peito farto. Querubim serenou-o chegando-lhe uma violenta palmada no rabo e esticando-lhe as orelhas.

— Roubar peras ? Mas foi «roubar peras» que a senhora disse ?!

O menino pousava os olhos no chão, e o pai olhava-o sombriamente. Querubim esteve assim uns momentos, indeciso, até que virou costas ao pequeno e disse para a criada :

— Leve-o e lave-o ! Depois falamos !

A mulher saiu, e o menino, uma vez livre do pai, desatou na mesma choradeira. Querubim voltou à poltrona. Bolhas de suor reben-tavam-lhe na testa pálida onde uma veia entumecera e ganhara um tom arroxeadado. Um arrepio sacudiu-o. Chamou pela rapariga e pediu um copo de água. Bebeu e acalmou um pouco. O choro sincopado e irritante do filho atravessava toda a casa e vinha martelar-lhe os ouvidos. Cerrou os olhos e procurou afundar-se mais na poltrona, mas ao estender as pernas, um pé tocou um objecto que tombara na carpete. Era o retratinho. Pegou nele e olhou-o ainda uma vez. O choro do filho crescia intensamente. Querubim parecia ver o menino do retratinho chorar, parecia ver-lhe o narizinho esmurrado e pingando sangue, parecia ver-lhe a boquinha aberta, engolindo ranho e sangue... «Oh, mamã, como te enganaste ! Queria que o visses agora mesmo com a camisinha em tiras e o nariz sangrando... Nem adivinhas o que pensei... Não, não percebo por que me pediste que estimasse este retratinho... Sabes, mamã, vou espatifá-lo, vou jogá-lo agora mesmo pela janela fora... É um retratinho tão insignificante, mamã... Tão insignificante !»

UM HOMEM E OUTRO HOMEM

Bastião pressentiu a mulher longe, no quintal, preocupada com as galinhas e a roupa a corar no arame, e desejou que ela ali se mantivesse todo o tempo possível. Com a mulher pelas costas, sentia-se mais sossegado.

Contou duas colheres de açúcar e despejou-as na tigela. Mexeu bem: a colher girou, girou, distraída a dissolver o açúcar. Então Bastião pegou na garrafa da aguardente, calculou coisa de meio cálice e despejou-o na água. Feito isto, cheirou o refresco, para avaliar da dose de aguardente: aguardente de mais estraga um refresco. Nem a mais nem a menos: a conta certa. Satisfeito, bebeu demoradamente, saboreando cada gole.

E outra vez caiu na mesma modorra mental, no mesmo ruminar sem fim em que se consumia. Tantas pontas como de pernas tem um polvo e ele sem forças para agarrar-se a nenhuma. Cada vez mais angustiada, esvaía-se em dúvidas e temores, sem coragem de pôr a questão a claro, de frente. E conseguiria, de certeza, pô-la a claro? Era vago, muito vago, tudo o que pressentia, tudo o que até ele ha-

via chegado por remoques matreiros e negaceados. De concreto só tinha a mudança da mulher, que se lhe negava na cama. Mas isso pouco dizia. Ana andava doente. Senão era olhar-se-lhe para a cara. Nem sabia rir como dantes. E o corpo era um mirrar de quem vai para a cova. Já a levava a um médico, que lhe dissera, muito emproado: «Cuidado, muito cuidado com ela. Nada de a arreliar. É uma depressão nervosa muito grave.» E Bastião ia adiando, adiando. Se tivesse a certeza, oh, se tivesse a certeza! Um pontapé e punha-a fora da porta! Assim não tinha jeito, não.

A tarde ia em meio, o calor derretia. As moscas zumbiam, bravas, e pousavam no rosto e nos braços nus de Bastião, que as matava com uma palmada depois de as deixar ferrear até a dor tornar-se insuportável. No mosqueiro, onde guardava os fritos, a rede tinha um buraco por onde as moscas entravam atraídas pelas iscas e sardinhas.

O sítio era bom para uma venda e a vida correria-lhe sempre de feição. A um quilómetro da cidade e mesmo à face da estrada nacional, também só se ele não tivesse dedo. Além do mais havia a ponte ali ao pé, com o ribeirinho a correr. Podia dizer-se que era o centro da freguesia, podia dizer-se que não encontraria sítio melhor para abrir o negócio. E tinha-se visto... Amealhara uns dinheiros, sim senhor, que não ia negá-lo... Pena só aquele passo da mulher... Ah, que se tivesse a certeza! Assim não tinha jeito, não.

Do riacho, que era um suspiro de água, vinha o eco duma gargalhada sonora e do ba-

ter de roupa no lavadouro; e mais lá de longe, dos campos, confundindo-se com o cantar dos grilos, chegava o tantã arrastado e morno dum engenho.

Bastião bebeu a última gota do refresco. Aos borbotões, o suor rebentava-lhe nos braços peludos e no rosto estafado, que começava a envelhecer. No peito, que a camisa, desabotoada até ao cinto, deixava a descoberto, brilhava-lhe, encharcado em suor, um pequeno crucifixo de prata. De tigela vazia, decidiu preparar segunda bebida. Pôs novamente sobre o balcão de zinco a lata que dizia em letras douradas: «Chá oriental de primeira», mas que guardava açúcar. Ele vendia chá uma vez ao ano; por isso aquela lata calhava era para o açúcar. A colher mais uma vez girou, girou, distraída, fazendo o líquido afunilar dentro da tigela. E Bastião logo caiu de novo no ritmo dum rodopio, mais enleado nas suas cogitações. Como há momentos, quando preparava a primeira limonada, o rosto amarfanhava-se-lhe e uma ruga, que partia dentre os olhos, sulcou-lhe fundo a testa. Podia ficar ali na postura que quisesse, o tempo que quisesse. Ninguém o espiava. Na soleira da porta, gozando a sombra, estendia-se um cãozico sem dono. Bastião estava só com o pobre do bicho. Nem o enxotou: deixar o cachorro desfrutar a sombra ali na soleira. Apoiou melhor os cotovelos no zinco do balcão e rosnou uma praga. O cachorro olhou-o, sonolento, mas percebeu que não era nada consigo e acomodou-se melhor à sombra. Desatinados, febris como os de uma beata passando o seu rosário,

os lábios de Bastião iniciavam um longo murmúrio, um longo chorrilho de frases estranguladas...

E foi nisto que o buzinar dum carro veio despertar Bastião e o cachorro. Era um belo automóvel descapotável, todo branco, rasteirinho e comprido, telefonia ligada. As linhas do carro e a telefonia puseram o cachorro nervoso. Bastião veio até à porta. Um carro daqueles não costumava parar na sua venda: passavam na estrada, chispados, e lá iam para a praia: Fão, Apúlia, Póvoa. Nunca paravam. Agora aquele... O cãozico abandonou a sombra e pulou para a estrada. Rondava o automóvel, intrigado com a música que vinha lá de dentro.

Um sujeito disse para uma senhora:

— Decerto não tem...

E a senhora, que também batia já a porta do carro:

— Pode ter. É tão perto da cidade...

A senhora vestia calça cor de cinza, toda justinha às coxas, e uma blusa leve, de alças, que lhe deixava descobertos os ombros, as costas e o peito bronzeados. Calçava umas sandálias de tirinhas frágeis e atava os cabelos com um lenço vermelho. Teria trinta anos e era certamente uma mulher à altura do carro. Bastião notou que ela fumava descaradamente. O sujeito, já maduro mas ainda todo mexido, calçava as mesmas sandálias de tirinhas e vestia leve.

Do carro, parado no meio da estrada, até à venda eram apenas dois passos, mas a senhora não os perdeu. Por cada passo ferrou um sonoro beijo no sujeito e largou uma fatura de risadas depois de cada beijo.

- Bebia uma cerveja, querido — disse ela.
— Mas se bebeste há momentos! — disse ele.
— Mas bebia outra agora.
— Vamos ver. Talvez tenhamos de voltar atrás.
— Pela minha cerveja não voltarias...
— Se insistires.
— Mentiroso... mentirosinho...
— Ah... e porquê mentiroso?
— Porque fazes de mim uma parvinha, filho. Voltarás pelos teus cigarros... Não finjas!
— Sim?... E se aqui houver os meus cigarros?
— Não há, com certeza.
— E se houver? Vá lá, gatinha...
— Oh, filho... creio que então será pela minha cerveja...
— Mas chamaste-me mentiroso...
— Oh, eu disse isso? Disse isso, de certeza?
— Acabemos com fitas. Que serei eu... se voltar à cidade pela tua cerveja?
— Serás... bem, serás um amorzinho, filho...
— Só?
— Um miminho, então. Um miminho não chega?
— Não.
— E miminho e amorzinho? Tudo junto, querido! Arre que és egoísta!
O sujeito, para Bastião:
— Tem cigarros «Chesterfield»?
E ela:
— E cerveja gelada...
Os «miminhos» e «amorzinhos», as duas coisas juntas mais os beijos, o carro e a tele-

fonia, os ombros morenos e os seios quase nus tinham deixado Bastião meio entulido. Nem atinava com o que responder.

— Cigarros quê? Que foi que o senhor disse?

O sujeito repetiu:

— «Chesterfield». «C-h-e-s-t-e-r-f-i-e-l-d»...

E ela repetiu:

— E cerveja gelada...

O cachorro, desinteressando-se do carro e da música, veio farejar as pernas da senhora. Ela enxotou-o, irritada, e ele voltou para a sombra da soleira da porta. Bastião, mais calmo, desarregaçava as mangas da camisa e ficava com um ar mais decente.

— De beber tenho vinho e pirolitos. Isto aqui é uma venda da aldeia...

— E de fumar, que tem? — disse o sujeito.

— Eu... nem conheço esse tabaco que o senhor diz. Tenho é cigarros «Fortes» e da «Tabaqueira». É só do que se vende aqui...

— Que é isso dos pirolitos, filho? Pergunta-lhe o que é...

— E isso de pirolitos, que é?

— Tenho-os lá em baixo na adega. Estão fresquinhos como em gelo.

— Anda, filho. Diz-lhe que mostre.

O sujeito hesitou. «É melhor voltar à cidade» — pensava. De resto a mulher começava a aborrecê-lo ao insistir nos pirolitos. Era mais um capricho dela. Caprichosa e chata que se fartava. Pudesse largá-la num quarto de pensão e pôr-se a bulir... Não podia, não. O quarto de pensão era um velho truque que não pegava agora. Com outras... bem, com outras era outro cantar. Esta era a mulher. A

sua mulher! Que ninguém o tinha mandado ser asno. Devia gramar a fita, pois que remédio.

— Os pirolitos fazem-te mal, querida.

— Fazem nada! Diz-lhe que mostre.

Ele encolheu os ombros.

— Pode fazer o favor de mostrar os pirolitos?

Ela, dirigindo-se pela primeira vez a Bastião:

— Traga dois. Tu bebes, filho? Se calhar são deliciosos...

Bastião desceu os degraus da escada que dava para a adega. Só, o casal aproveitou para esgrimir surdamente. «Estás uma chata ridícula!», disse ele. «E tu, filho? Olha para ti, querido!», disse ela. Ele deu-lhe as costas e pôs-se a observar, trauteando baixinho uma cançoneta, o aspecto da venda. Para loja de aldeia Bastião tinha-a bem limpa. O cachorro enchia-a de pulgas, mas cachorros vêm-se em toda a parte e pulgas também. O sujeito fez careta de enjoado. Apesar de vestir leve, transpirava abundantemente. A cara, sobre o gordo, começava a ficar balofa e o suor brotava em grandes bolhas. Visivelmente impaciente, o homem não se cansava de levar ao cachaco inchado e tostado um lenço fino e cheiroso. Vindo do ribeiro, onde mulheres lavavam os seus trapos, subia até à estrada o mesmo eco de gargalhadas e falatório. Ela, percebendo-lhe a impaciência, aproveitou para picar:

— Os pirolitos se calhar são deliciosos... Tu nunca provas...

E ele, quando já sentia na escada os passos pesados de Bastião :

— Parece-me que temos de voltar atrás. Não passo sem os meus cigarros.

— Tens os meus... Se não fosses desmancha...

— Detesto os teus, sabes muito bem. Voltaremos atrás.

— Só pela minha cerveja não voltavas!

— Já te disse que voltava. Acho que já é querereres implicar.

Ela riu, meneando-se toda, e passou-lhe a mão pela cara, numa carícia que o irritou ainda mais.

— Eu bebo pirolitos, filho... Gosto imenso de pirolitos... Sou doidinha por pirolitos...

— Se nem sabes o que isso é. Sempre foste doidinha por tudo que não conheces.

— Tens a certeza, querido? Pois olha que sou doidinha por ti, e conheço-te...

— Acabemos. Peço-te que não bebas os pirolitos. Peço-te, estás a ouvir?!

— Mas se te digo que gosto imenso! Não tens o direito...

— Beberás a cerveja lá em cima. Tu terás a cerveja e eu terei os meus cigarros.

Ela fez novos meneios e atirou-lhe outra risada.

— Quero que voltes só pelos teus cigarros... Só, percebes?

Ele amuou, furioso. Ia a responder-lhe, mas já Bastião estava diante deles. «Fresquinhos como em gelo!», dizia, exibindo as duas garrafas. E esfregando dois copos o melhor que pôde, abriu os pirolitos a soco. A senhora

bebeu um gole e não fez careta. Bebeu outro gole e exclamou, vitoriosa :

— É o que te dizia ! Gosto imenso de pirolitos... Isto é gasosa, filho !

Ele não bebeu, embora ela insistisse e não se cansasse de dizer que os pirolitos eram deliciosos. Por capricho, ela beberia carrascão. Ele sabia. «Eu pilho-te no carro, minha linda...», mastigava.

— E os cigarros ? — disse para Bastião.

— Mostre o que tem, por favor.

Ela percebeu claramente a intenção do marido. «Vai fumar essa porcaria, só para me irritar!»

— É o tabaco que se fuma aqui. Tabaco fraco, senhor — disse Bastião.

Ela, mordaz :

— Por que não bebes, querido ? Acredita que é delicioso...

— Não me enerves !

Ele começava a perder a compostura.

— Oh, querido !

— És injusta. Refinadamente injusta. Uma caprichosa irritante é o que tu és !

— Eu sei, filho. Ora se não sei ! (E para o Bastião:) — Faça o favor de mostrar esse tabaco ao meu marido. Sei que ele vai achá-lo delicioso...

Bastião percebera já a pega dos sujeitos. De resto nem ele nem ela disfarçavam. «Lá com eles !»

— Eu tinha aqui uns macinhos de cigarros «Três-vintes» e «Português Suave»... Acabaram.

— Deixe lá — cortou o sujeito. — Dê-me

um macinho desses da «Tabaqueira». Minha mulher diz que vou achá-los deliciosos...

— A gente aqui gosta. Cá a gente é o que fuma.

Ela bebia mais um gole de gasosa. E vendo que o marido abria a embalagem dos cigarros, saltou :

— Mas tu vais fumar isso, querido?! Nunca acreditei!

Ele desferrava-se, zombeteiro :

— Mas se foste tu mesma que aconselhas-te?! Vá, querida, queres um destes?...

— Monstro!

— Ora! Sempre são melhores que os teus. Os teus... que marca têm os teus?

— Provaste tu os pirolitos?!

— Já te conheço, minha linda... Sabes, não voltarei atrás pelos meus cigarros...

— Nem sei como te suportto!

— E quem começou, filha?

— Peço-te que não fumes essa coisa ordinária!

— Mas se são deliciosos...

— Oh, meu Deus! Como te suportto eu?!

— Não sabemos como nos suportamos. É o que querias dizer, não?

Bastião não sabia o que ajuizar dos sujeitos. Aquilo era gente de dinheiro. Gente fina. Pela maneira como falavam... Era ver o carro branco, era ver a dona de mamas quase ao léu. E só gente de dinheiro pedia cigarros Ches... Ches quê? Ora o raio da marca! Além do mais uma dona a beijocar o homem diante de toda a gente... Tipos finos ou estrangeiros. No Verão era sempre uma chusma

deles a passar ali. Estrangeiros ingleses ou por aí franceses...

— Pode dizer-me quantos quilómetros são daqui a Fão?

— Anda à roda de vinte, senhor. Aí coisa duns vinte.

— É que vamos para Fão...

— Pois é um instante. Daqui a nada o carro está lá.

— E a estrada? É sempre assim má?

— Sim, sempre assim cascalho. Dizem que vão botar piche para o ano.

Ela, não podendo ver o marido fumar semelhantes cigarros, disse ainda:

— Em Fão tinhas os teus «Chesterfield»...

Mas ele não ligou. Então ela saiu e foi para o carro. Furiosa, desligou a telefonia. Ele sorriu, desdenhoso, e pagou a despesa. Já dentro do carro, perguntou a Bastião:

— Que nome tem esta aldeia?

— São Martinho — disse Bastião.

— E a ponte?

— A ponte não tem nome.

O carro arrancou, deixando na estrada de macadame uma nuvem de poeira. Bastião viu-o desaparecer na curva, e começou então, vagarosamente, a arregaçar as mangas da camisa. Dando com o cachorro, atirou-lhe um pontapé. E este ganiu mas não desistiu da sombra. Bastião voltava ao balcão, quando da porta do fundo, que dava para o quintal, surgiu Ana, a mulher. Ela tinha estado a espiar o casal do carro branco, embora Bastião não a pressentisse. Nos últimos tempos Ana era uma sombra em bicos de pés. Bastião nem sabia como ela ganhara esse andar sumido e silencioso. Ao

menor ruído, Ana ficava de ouvido atento, coscuvilheiro, e aproximava-se furtivamente, gulosa de novidades.

— Deve ser uma perdida, aquela sujeita! Vestida naqueles preparos, deve ser uma dessas! — disse Ana.

Bastião não respondeu. Vagaroso, desceu à adega para guardar o pirolito que a senhora deixara, e ficou lá em baixo um bom pedaço. Não queria discutir com a mulher, e fazia tudo para evitá-lo. Nem adiantava discutir. Tinha medo de perder a cabeça e botar tudo a perder. Sempre calado, Bastião queria era que o deixassem, queria era sumir-se e ficar esquecido a um canto. Quando tivesse a certeza, então... Enquanto cobria com areia molhada o pirolito, ouvia a mulher, em cima, resmungar ainda contra a senhora do carro. E não subia. Procurou um caixote e alapou. A adega era fresca, estava-se lá bem. Na loja, decerto que teria de fazer outro refresco. Sòzinho, livre da mulher e dos fidalgos que queriam cigarros estrangeiros e se pegavam, Bastião sentia-se bem. Apenas o perturbava um pouco o desfiar nervoso dos resmungos de Ana. Ouvindo o cachorro ganir desesperadamente e a mulher dizer: «Vai catar o pulguedo para a cama do teu dono, raio do cão!», Bastião lembrou-se de que o cachorro não fazia mal a ninguém, mas toda a gente lhe dava pontapés. «Cada um com sua sina» — pensou.

Ana saía de novo para o quintal. Bastião ouviu-lhe os passinhos miúdos no corredor que levava à porta do fundo, ouviu-a descer os degraus da escada de pedra, ouviu-a encher o regador e borrar a roupa que tinha a corar.

Então deixou a adega e veio para o balcão. Deu logo com o cão deitado na soleira. Cheio de súbita pena pelo bicho, foi ao mosqueiro e atirou-lhe uma sardinha. Já ninguém ia comer os fritos estragados pelo calor e pelas moscas. A dama do carro deixara na venda o cheiro agradável dum perfume fino, muito subtil. Bastião, fincando mais uma vez os cotovelos no zinco do balcão, caiu a imaginar-se dono dum carro daqueles, dono duma mulher assim, fumando cigarros estrangeiros, bebendo cerveja gelada. Embalado como num sonho, imaginou-se senhor de tudo isso; imaginou-se indo por aí fora, sem nenhum desgosto a miná-lo. Na testa de Bastião vinca-se outra vez a ruga que lhe nasce entre os olhos. Ganhara uns dinheiros, sim senhor. Que só não os ganharia se não tivesse dedo para o negócio. Mas para quê? Sim senhor, para quê? Melhor nunca tivesse montado a venda.

Passa na estrada uma camioneta de carreira, mas Bastião não dá fé da camioneta nem da nuvem de pó que lhe entra pela loja dentro.

O PASTEL DE CHILA

Um copinho? Oh, mas vai! Muito, muitíssimo obrigado. Ainda é isto que nos ampara. Um copinho..., mas que seria de nós sem um copinho?! Sim senhor, muito, muitíssimo obrigado. Sabe..., vê-se logo que o senhor é um homem de bem. Cheira. Não, não é a farpela que um homem traz vestida. Ná! É o ar de cada um..., qualquer coisa que se cheira... Punha a minha cabeça! Não há dúvida: um homem de bem é que o senhor é. Tanto assim que lhe abro o coração. É uma prova de confiança, pois saiba que sou desconfiado...

Apresento-me: Chico Alves, um seu amigo. Disponha, não se acanhe. Falo de mais? Oh, não! Cá na minha, falar de mais é dizer asneiras de mais. Ora eu, caro senhor, tenho a absoluta certeza de que não digo asneiras, mesmo quando não me acautelo e bebo um bocadinho. Não é que tenha uma ilustração por aí além. Tenho é cabeça. Mas continuemos. Oh, mas que ideia!, claro que pode fumar à sua vontade! Tenho muito gosto... «Eh, rapaz, então o vinho que este senhor mandou vir?!» Como ia dizendo, tem aqui um amigo ao dispor. Vou nos sessenta anos, sou casado, e o que é mais: tem na sua frente o pai de doze filhos, vivinhos todos... infeliz-

mente. Doze ingratos filhos, por desgraça. Minha mulher chama-se Josefina e é pelo menos tão conhecida como eu. Informe-se. Toda a gente nos conhece. Até a canalha, até os cães e os gatos. Eu, permita que lhe diga desde já, não sou de cá. Esta terra de trampa não viu nascer o filho de minha mãe. Desprezo isto, oh, desprezo isto. Nem imagina. Terra de gente ordinária, trampolineira, intriguista e invejosa. Sobretudo invejosa! De cá é a Josefina; ela e os doze filhos de que falei. Fume, fume à sua vontade. Conhece a minha Josefina? Não? Pois então fique sabendo que se trata duma mulher do catano! Não há dúvida. Botou cá para fora doze filhos, e isto já é qualquer coisa. Estas enfiadas de agora não fazem tal. Um, dois filhos — e parou. Bato-teiras que se fartam. Também só têm ossinhos, coitaditas. A gente vê-as por aí tão esgalgadinhas que até parece que o vento as leva. Molham um pé e caem na cama. A minha Josefina (nome fino, não é assim?!) é pau antigo, é outra raça. Bota um corpanzil que mete medo a um cão da serra! Ele é cada braço, cada pernil, cada peito! Ainda hoje, que ela já vai nos sessenta também, está ali senhora de torcer o pescoço a uma dessas magrinhas de agora. Torcê-lo como se o fizesse a uma franga. Que ninguém se meta com ela, ai que ninguém se meta! É um gato bravo, senhor! Pois eu conto-lhe uma peripécia: aqui atrasado, lá uma das minhas filhas foi-lhe para casa com umas falinhas de que ela não gostou. Pobre infeliz, que pilhaste a mãe em má hora. Apanhou na cara mesmo diante do marido, um bom serás por quem tenho alguma

consideração. É assim a minha Josefina. O que eu lhe podia contar dela... o que eu podia!... Ponho-me às vezes a pensar por que vim a casar com tal mulher, como vim parar a esta terra, e... e sabe?, dou comigo a arrancar estes poucos cabelos que me restam! Vai já há tanto tempo e mesmo assim não tenho meio de me conformar. Devia conformar-me, eu sei, mas que quer? Não posso. Vim para cá vai com quarenta anos. Recordo como se fosse hoje: foi uns dias antes do Natal. Então eu era um rei. Um rei, sim senhor! Um mecânico como não havia outro. É perceber de caldeiras! Oh, não me fale. Ganhava quanto queria. Empreguei-me numa fábrica que há aí para baixo. Os patrões eram espanhóis. Ainda me recordo: o Don José! Que homem! Tinha umas suíças como eu nunca mais vi nenhuma. Como eu lhas envejei... Agora a fábrica é de portugueses, e para estes é que eu ainda há pouco trabalhava. Sim senhor, porque eu deixei de trabalhar. Já não sou mais mecânico, não senhor. Que me chamem madraço e borracho, não ligo. Estas mãos não mexem mais em caldeiras. E olhe que não estou velho. Apareça aí um tísico que me dê uma murraça no peito e me bote abaixo! Eu deixo, ele que apareça... Mas quanto a trabalhinho... ah! que se agarrem os trampolinas desta terra, eles que se agarrem. Mas eu vou contar-lhe por que deixei de trabalhar. Sossegue e espere um bocadinho. Outro copo? Oh, mas vai, claro que vai... Muito, muitíssimo obrigado. Um tipo de bem é que o senhor é. Olhe, foi então antes uns dias dum Natal qualquer. Vim no fito de ganhar uns dinheirinhos e abalar em segui-

da. Mas, meu amigo, o diabo cose as nossas vidas com linhas de muitas cores... Fui ficando, um ano, outro ano. E o Don José tão meu amigo! Outro ano e ainda outro. Fazendo algumas considerações e amizades. Mecânico como eu, nunca Don José, que já lá está, topara outro. Fui ficando. Dei um salto à terra, voltei, e neste entremeio conheci a Josefina. Ela servia numa casa de boa gente. Dessa gente andam agora por aí uns herdeiros degenerados, uns ramelados e uns pulhas que se meteram na política e filaram bons ossos. Quem lhe pode contar é a Josefina: conheces-lhes os podres todos. «Eu que andei com aquele seco ao colo» — costuma ela dizer quando passa por algum. Você havia de ver a Josefina nesse tempo! Que mulheraça! Que figura de fêmea! Perdi-me, sabe. Fiquei cego. E como um homem fica onde lhe fica o coração, eu fiquei aqui. De outro modo... Ainda hoje, quando sinto cá dentro uma tristeza, me viro para Josefina: «Fica sabendo que se esta terra me come ossos é por culpa tua.» E ela responde-me: «Pois fica sabendo que se te come não come grande traste» — e eu, que sou dado à boa paz, embucho e mastigo cá para dentro. Que hei-de fazer? Diga lá, amigo, que fazer? E eu que sonhava com grandezas, que sonhava ir para a França ou meter-me por esse mar fora! Fiquei cego com a Josefina e quilhei-me bem quilhado. Casámo-nos que foi um ar. Don José serviu de padrinho. Homens como ele! Acredite que já não há homens como ele. Mal tive tempo de dormir à vontade com a Josefina e veio o primeiro filho, e outro, e outro — a ranchada dos doze: um

nos braços, outro na barriga da minha mulher. Devo confessar-lhe, meu amigo, que estou com sede. Isto de falar assim seguido... Bem, compreende... É que não estou habituado a dar à língua. «Eh, rapaz, olha aqui este senhor.» Desculpe o atrevimento, mas é que estou com a garganta que nem calcula. Bom... mas vamos lá... acredite que não estou a fazer rodeios propositados. Tenha paciência. Oh, muito obrigado mas não fumo, agradeço mas não fumo. Então vamos lá: casado, chefe de família, fique sabendo que eu dava um exemplo a todos os homens. Assim que largava o trabalho, Chico Alves era uma seta para casa. Nem tascas nem divertimentos: casa e trabalho, trabalho e casa — eis a minha vida. Era um homem de bem e tinha algumas considerações. Também só me chegava a gente de bem. Quem não merecesse a minha estima, arreda que fazes sombra. À noite, de Verão ou de Inverno, quem quisesse saber do Chico Alves era procurá-lo em casa, no meio da família. Estou a ver a cena: Josefina punha a ceia na mesa, comia-se, dava-se um ou outro bofetão na canalha quando não se portasse como devia, conversava-se, ria-se, contava-se a vida dos vizinhos. Sempre assim, anos e anos. Depois da ceia Josefina ia lavar a louça, e eu, sentado num velho cadeirão que anda ainda lá por casa, regalava-me fumando o meu cachimbo, que atafalhava de tabaco holandês. Nunca fumei cigarros. A canalha ia para a cama, não sem a mãe distribuir bofetão de meia-noite. Entretanto eu puxava outra cachimbada e dizia uma brejeirice à Josefina e ela atirava-me com o esfregão de limpar os

tachos. Daí a pouco estávamos no ninho, dormindo ou fornicando, como Deus manda e faz toda a gente de bem. Mas quando tal... tudo começou a mudar. E nunca compreendi como aconteceu. Já lá vai uma porradaria de anos e tenho andado sempre a puxar pela cabeça. Em vão arrepele os meus cabelos. Não atino, não atino! Sabe..., lá a Josefina deu em mudar, em deixar de ser a mesma para mim. Cada vez eu mais amigo dela, e ela cada vez mais brava para mim. Pode você explicar uma coisa assim? Não pode, já se vê. Dei muitas voltas ao miolo e não consegui uma explicação. Eu levava-lhe paparicos e guloseimas e ela saía-se-me com rompantes. Eu amolecia roído de desgosto. Segredo, já se sabe... O senhor não vai badalar ao mundo isto que eu lhe estou a contar. Segredo, bico calado... e não imagine que estou bêbedo com os copinhos que me ofereceu. Bebia muito mais se o tivesse ou se mo dessem. Hem?, promete que não conta nada disto a ninguém? Então ouça: foi a mudança da Josefina que deu cabo de mim. Foi o desgosto. Agora sou aqui um farrapo sem coragem para nada. Dei em beber, em entrar em tabernas. E foi por causa da minha mulher que um dia me prenderam. A maior vergonha da minha vida, acredite. Depois de tantos anos, depois de velho, depois duma vida de penitência e de sacrifícios por ela e pelos filhos! Depois de tanto trabalho! Depois de ter sido um homem exemplar, um homem de bem. Eu conto-lhe, sim senhor, mas não se ponha a olhar para mim dessa maneira. Para lhe contar isto é que estou aqui há meia hora com rodeios, a ir atrás e a vir à frente, a misturar tomates

com pepinos, a meter o bom do Don José nesta porcaria. Tome atenção: eu já não sou mais um homem de bem, já não sou mais. Se o fosse começava por dizer-lhe logo toda a verdade sobre minha mulher e essa ninhada de desavergonhados que são os meus filhos. A minha mulher... ah! a minha mulher! Menti-lhe, homem de Deus!... Ela sempre foi um estupor, nem mais. Estava a dizer-lhe que ela mudou muitos anos depois de casada, mas não é verdade. Ela mudou logo, logo. Fez logo de mim um infeliz. Tudo mentira o que lhe contei. Tudinho! Vê esta cicatriz aqui na testa? Sabe o que foi isto? Pois foi ela que me atirou com uma tigela enquanto eu fumava o meu cachimbo. Estávamos então casados havia meses e a senhora andava de barriga do primeiro filho. E a educação que deu às crianças! Tome lá nota: tenho duas raparigas solteiras ambas com filhos de namoro! Sabia? Olhe, e tenho outra que fugiu ao homem, a tal casada com o bom-serás por quem tenho alguma consideração e pena. Um infeliz dum enfeitado! Um pobre que ainda por cima corre atrás dela como um cachorrinho atrás do dono. Dos rapazes, um esteve uma data de meses no forte quando andou na tropa. Outro, vive aí à custa duma infeliz: um chulo indecente. Está você a ver a educação que esse diabo deu aos filhos: criou três perdidas e dois matulos que envergonham toda a gente. Os restantes menos mal, mas olhe que fui eu que deitei a mão. Sim, a pura verdadinha. Às vezes... Ah, meu caro senhor, é preciso que eu beba para não ter vergonha de contar isto. Às vezes, no rigor do Inverno, estou eu a dormir e ela tira-me a rou-

pa da cama. Nem mais: a roupa da cama. Acordo geladinho, a tinir. O que eu tenho suportado! E quando vinha da fábrica, moído de trabalho, que imagina você que ela me dizia. «Meu comedor, queres comer? Pois come trampa!» — assim mesmo. Muitas vezes não ceio. E tenho medo, sabe. Mal ela começa, fujo e ando por aí. Tenho medo dela, é o que é. E tento esquecer, esquecer, esquecer que não sou desta terra, esquecer que nunca aqui devia ter ficado, esquecer que se não fosse ela eu teria ido para França, por aí fora. Digo assim para mim: «Chico Alves, aguenta!», e é o que me tem valido.

E gulosa que ela é! Gulosa que nem uma gata mimada... Não sabia? Pois fica agora sabendo... Por ela ser gulosa e eu ser um mole é que fui parar com este corpinho à cadeia. Depois de ter criado doze filhos, imagine! Ali na tarimba, como um ladrão! Já esteve preso alguma vez? Não? Então não sabe o que se sente. Pior, muito pior do que sermos desfeiteados pela mulher. Quando se é preso, e se foi sempre um homem de bem, ao primeiro não percebemos o que sentimos, pois leva-nos muito tempo a perceber. Mas é assim uma coisa que não sei explicar... assim como se nos matassem sem a gente morrer... assim como se matassem um pedaço de nós... Saímos da cadeia e já não somos mais os mesmos. Assim tal e qual. Mas eu ia dizendo... ia dizendo... ah!, ia dizendo que por ela ser gulosa e eu ser mole... Nem mais... é agora que você vai saber por que deixei de trabalhar e dei nisto... Claro que foi desde o dia em que me prenderam, toda a gente o sabe por aí e

você decerto que já desconfiou, mas há as peripécias, sabe. Nas peripécias é que está tudo! Por eu ser um mole que... que... bem, ouça que é melhor: Vai agora com três anos... três anos... ora deixe ver se me recordo... foi, Chico Alves... foi... ah!... foi no dia em que a tal minha filha fugiu ao homem depois de o ter corneado aí com meio-mundo. Andava um rebuliço lá por casa e Josefina estava que nem uma bicha. Eu cheguei e ela atirou-me logo: «Queres comer? Pois come trampa!» Os meus filhos, os solteiros, abancavam à mesa e comiam como danados. Nem tugeram, pois até eles as cortam. E eu calei-me, está visto. Esperei a ver se aquilo amainava. E ela outra vez: «Come trampa, já te disse!» Fiz que não era comigo. Os rapazes davam cabo das batatas cozidas num ar. Eles devoram um alquidar de batatas enquanto eu petisco um bolinho de bacalhau. E eu com uma fome igual à deles... e eu que sou doido por batatas cozidas... e os ingratos dos meus filhos sem deitar um olhinho para o pobre do pai. Ela voltou a dizer-me que comesse trampa e eu então senti uma dor cá por dentro. Era a fome ou era mesmo uma dor? Não sei. Sei só que tive mão em mim, e saí. Na rua, espireci, matutei. «Por que é ela tão má comigo? Mas o que lhe faço eu? Eu trabalho, eu sou sossegado, eu aturo-a, eu calo-me quando ela me manda calar... Ná, não percebo!» Dei de ombros, como era e é meu feitio. E não comi nessa noite. Bebi cá fora um copinho e quando vi que eram horas fui deitar-me. Mal me sentiu na cama, o estafermo toca logo de me roubar a roupa e enrolar-se nela. Oh, paciência do céu! Tudo dormia

em casa, e dormia a rua, e dormiam os vizinhos — que quando se zangam ou apenas conversam ouve-se tudo na minha casa —, dormia tudo. Sempre calmo, sempre dado à boa paz, digo eu à minha mulher: «Zefina, tu não devias fazer-me isto. Primeiro não me dás a ceia; segundo trata-me mal e chamas-me os nomes que te vêm à cabeça; e ainda por cima tiras-me a roupa da cama. Tu não eras assim quando nos casámos e puseste-te ainda mais má depois de termos os nossos filhos grandes. Eu ando a aturar isto há muito tempo, mas qualquer dia deixo de aturar.» Disse-lhe isto tudo e ela primeiro resmungou, mas depois deu-me a roupa. Eu perguntei-lhe: «Por que mudaste, Zefina? Tu não eras assim.» E ela, mansa, respondeu-me que «não tinha mudado nada, nem tinha por que mudar». Então eu, a aproveitar a maré boa, disse-lhe: «Já sei, eu já sei: se calhar é o desgosto por termos umas filhas sem cabeça. É isso?» Ela não disse nada. Chegou-se mais para a beira da cama e fingiu adormecer. E eu, que via bem que ela não dormia, cheguei-me para ela e disse-lhe baixinho: «Amanhã é sábado e eu vou trazer-te uma coisa. Vou trazer-te três pastéis de chila, daqueles que tu gostas muito...» E assim foi. No dia seguinte, sábado, mal recebo a minha fêria — era quase noitinha —, vou direito a um café que há ali na antiga rua do correio. Eu já lá tinha visto, noutros dias, uns pastéis muito apetitosos. Entro no café e diz-me o empregado, por sinal um rapazinho atrevido que andara em tempos a querer negócios com a minha filha mais nova: «De chila só há um. Temos muitos é dos outros. Quer um

de chila e dois sortidos?» Eu boto o rabo do olho para o balcãozinho de vidro e vejo que realmente só tem um pastel de chila. O azar, meu amigo! Há quem diga que estas coisas já estão escritas quando a gente nasce! E o rapazinho com a lenga-lenga: «Que só fabricavam amanhã mais pastéis de chila. Que estavam muito bons e se venderam todos menos aquele.» Compro o pastel e desando para outro café, na esperança de encontrar os outros dois. Nada. Tinham sido comidos todos os pastéis de chila! Desanimado, com o dinheiro que devia gastar no doce, bebo mas é um copinho, que me cai mal, pois estou de barriga vazia. E meto para casa, o pastel bem embrulhadinho, a dizer cá para mim: «Ora! se lhe conto que só havia um pastel! Diabo, é muito senhora de não querer acreditar...» E com estas e com outras, muito metido nestes pensamentos, entro em casa e digo-lhe logo: «Zefina, tem paciência, mas só havia um pastel de chila.» Ela agarrou no embrulhinho. Estávamos na hora da ceia. Os meus filhos comiam outra vez batatas cozidas. E eu que sou doido por batatas! Abanco também à mesa, muito contente da vida, e... e que sinto eu esborrachar-se-me na cara? Ora o que havia de ser! O pastel de chila! Nem ouvi o que ela me chamou, mas decerto que me chamou o costume. Calmo, dado à boa paz, eu limpo a cara aos dedos e ponho-me a fitá-la muito. Estou calmo, estou muito calmo, mas não sei o que sinto cá por dentro. Nisto começo a tremer todo, a tremer todo, e a cabeça dói-me como se alguém lhe dê marteladas. «Não, não! Ela não devia dar-me com o pastel na cara!»

É o diabo que me empurra ou eu não sou mais o Chico Alves? Não sei. Sei que agarro no alguidar das batatas e o espatifo contra a parede! Cai o telhado. Ela atira-se a mim às murraças. Ela e as filhas. Os rapazes não me batem, mas chamam-me o que também lhes sobe à cabeça. Mas eu não sou mais o Chico Alves. Não sou, não senhor. Estou cego e dou murraça também. E se murraça e pontapé não chegam, entra o dente! Não se pode imaginar o tufão que vai em minha casa. Toda a gente grita e guincha como um suíno com a faca. Empurram-me para a rua. E eu grito também. Grito mais que todos juntos. Não sou eu, não senhor, ou se sou eu, está o mafarrico dentro de mim. Acodem os vizinhos e a canalha dos vizinhos. Parece um tremor de terra com toda a gente a fugir de casa. Quem tem razão? Quem não tem razão? Olha o Chico Alves! Até parece impossível! Sim senhor, que eu não devia ter espatifado o alguidar, que eu era um bêbedo, que sim senhor, quem tinha razão era ela, a Josefina. E a Josefina mais as filhas vêm outra vez às murraças. Ah, não! Hoje não, conho! Hoje não, filhas duma mãe! E um dos meus filhos: «...que e tal, que o pai é uma vergonha». E os vizinhos: «...que e tal, que você é a vergonha da nossa rua». Ai ele é disso?! Mais porrada, e zumba nos vizinhos também. Toma lá, meu merdas! Toma lá tu também, meu corno! Então sou a vergonha desta rua?... Pois beija lá a mão do padrinho, meu caloteiro! Enquanto dou e apanho (você imagina lá!), eis que aparece a polícia de giro, que não está com perguntas nem com cócegas. E quer saber? Amigo, meu amigo,

quem o desgraçado do polícia leva para a esquadra é este velho infeliz!

Respondi e apanhei quinze dias de cadeia. Custa, acredite. Um homem de bem apanhar cadeia! Depois de criar doze filhos! Depois duma vida de trabalho! Má hora em que caí nesta terra. Terra de trampolineiros, de intriguistas, de invejosos. Má hora em que me casei com Josefina. Antes minha mãe me tivesse esganado em pequenino! Não, não estou bêbedo, e peço-lhe que não me olhe dessa maneira. É por chorar que você me julga bêbedo? Não, não! Choro é de dor! De dor, ouviu?! Dei nisto quando saí da cadeia. E nunca mais trabalhei. Sou um farrapo, mas só desde que deixei de ser um homem de bem. Não compreende? Eu explico-lhe: só um homem de bem tem o dever de trabalhar. Ora Chico Alves deixou de sê-lo, e como tal, deixou de trabalhar. Se você não percebe isto, então é porque nunca esteve preso uma hora que fosse. Sim senhor, muito, muitíssimo obrigado. Claro que vai mais um copinho. Um copinho é bom para esquecer, e eu preciso de esquecer. Daqui a pouco vão dizer à minha Josefina que o Chico Alves está perdido de bêbedo. Que me importa? Gente coscuvilheira, esta! Pois que lhe vão dizer. Não se me dá. Quero é esquecer, esquecer, esquecer, ouviu?! Fume, fume à sua vontade. Olhe... quer que faça «um quatro»? Só para lhe provar que não estou bêbedo... Não, não quer? Então passe muito bem e disponha deste seu amigo.

F I M

— Olha, quem ele é!

— Oh, mas és tu!

Já viajavam os dois no mesmo comboio, mas em carruagens diferentes. Puseram pé na plataforma e foi ela que o viu primeiro. Nem tinham palavras. Ambos estavam muito comovidos.

— Daniel!

— Deolinda!

Foram empurrados e insultados. A plataforma era um formigueiro e eles ficaram ali como dois pasmados, barrando quem ia à sua vida. Ouviram-nas boas. Uma senhora gorda, em jeito de pipo, chegou a acotovelar malcriadamente Daniel. Olhavam-se e não cabiam em si de alegria.

— Daniel, oh, Daniel! Assim sem contar...

As portas de saída foram dando vazão a tanta gente. Então, puderam aproximar-se. Um restolho ensurdecedor reboava na gare: arrastar de malas e bagagens, improperios, «oh, como estás tu», o aviso monòtonamente repetido por um amplificador de som: «Comboio para Lisboa — linha 3. Atenção, comboio para Lisboa...». A gare, coberta, enchia-se de fumaça negra e de cheiro a óleos queimados.

— Deolinda!

Mãos esquecidas num cumprimento que se eternizava, um pouco estonteados, como acontece sempre em ocasiões semelhantes, tinham tanto para dizer e não diziam nada. Ele empalidecera levemente. Ela ruborizara. Cada um retirou a sua mão e ficaram, por instantes, numa postura quase solene.

— Então ?

— Então, Daniel ?

Dito isto, ambos riram muito. Assim olhando-se suspeitosos eram de facto ridículos. Reconheceram-no e riram. Iam abraçar-se e só então repararam que seguravam as suas bagagens.

— Para Lisboa ?

— Sim, como vês. E tu ?

— Aspas !

— Oh, mas isto é um milagre ! — disse ela.

Tinham vinte minutos. A máquina não havia sido ainda atrelada à composição. Ele pegou na mala dela e foram caminhando na direcção de um barzinho que havia na *gare*. Uma velhinha vendia, à porta do bar, flores e caramelos. Sentaram-se. Que não, que não tomava nada, disse ela. Ele pediu uma cerveja. Ansiosa, foi ela que começou :

— E tu, Daniel ? A tua vida... Estás mais velho... oh, e tens brancas ! Casaste ?

— Casei.

— Há pouco ?

— Bem... e tu, Deolinda ?

— Aspas... faz agora três anos...

— E meninos ? Aposto que há meninos...

— Não, não apostes — disse ela.

— E o marido ? Bonzinho ?

— Sim... bem... lá está...

— Gostas dele? Oh, desculpa! — disse Daniel.

Ela meditou um momento. Os olhos caíram-lhe no tampo na mesinha redonda, mas ergueu-os rapidamente para ele. E tentou sorrir. Disse :

— É o meu marido... E ela ? Gostas dela, claro...

Ele deitou um olhar distraído à *gare*, à velha dos caramelos e das flores.

— Bem... creio que sim. Olha, queres uma flor ? — disse.

Emudeceram um instante, sérios. Ela outra vez, tentando sorrir:

— Tens filhos ? Aposto que tens.

— Sim, um rapaz e uma rapariga.

— Lindos, não ?

— Um encanto. Queria que os visses...

Uma rapariga saiu do balcão e veio limpar o tampo da mesa. Ele aproveitou para pagar.

— É engraçado...

— O quê, Daniel ?

— Tudo isto é engraçado. Tu casada, eu casado, separados, encontrados... enfim, tudo isto. Que dizes ?

— Eu... bem... acho que é de facto engraçado...

Olharam-se um segundo de frente e ela viu-o muito pálido.

— Vais então a Lisboa...

— Sim, vou. Nunca lá fui — disse ele. — Estou lá só uns dias.

Ela abriu a bolsa e tirou um espelhinho e um pente e pôs-se a alindar o cabelo. Teria trinta anos, mas não parecia. Ves-

tia muito bem e penteava-se com gosto. O rosto era moreno, macio, e não se lhe percebia uma ruga. Os grandes olhos azuis, quase verdes, eram húmidos e sossegados. «É ainda a mesma!» — pensou ele. Ela fechou a bolsa e disse sem o olhar, mas sabendo que ele a observava:

— Vais em negócios, não?

— É. Vou por conta da casa. Temos lá uma filial que vai mal. E tu?

— Eu? Ah, adivinha...

— Ora, sei lá.

— Eu... bem... tenho lá o marido... Sabias que vivemos lá?

— Não, como podia saber... Nem usas aliança... Vais apresentar-mo, pois.

— Queres? — fez ela muito intencional.

— Se tiver tempo, já se vê... — disse ele.

— E se tu quiseses...

Calaram-se outra vez. Agora foram os olhos dela que fugiram para a *gare* e procuraram distrair-se com as manobras da máquina. E ele parecia muito interessado no balcão do bar, na rapariga, de novo na velhinha dos caramelos. Levantou-se e foi ao balcão comprar uma revista. Prolongavam um mutismo muito incómodo para ambos. Nenhum queria falar «naquilo». Porém, como sempre, ela foi a mais ousada:

— Parece que já vai há tanto tempo...

— E vai — disse ele. — Vai há muito tempo.

— Achas? Já te esquecias, não...? Pois a mim custou-me, Daniel. Custou-me muito.

— E a mim.

— Tanto como a mim?

— Sim, creio.

— Daniel, achas que foi por culpa minha? Dize lá, sê sincero.

— Foi culpa de ambos — disse ele.

— Mas por que não tentámos, Daniel? Por que não tentámos?! Era possível...

— Sim, era possível. Devíamos ter tentado. A mão dela buscou a dele. Tinham dito tudo.

— Daniel...

— Dize, Deolinda.

— São horas... o comboio vai partir...

Levantaram-se. Ele pegou na mala dela e foram caminhando devagar para a plataforma da linha 3. Iam calados, olhando o piso de cimento. Então ela disse:

— Dá-me a minha mala, Daniel.

Ele olhou-a sem perceber. E ela insistiu:

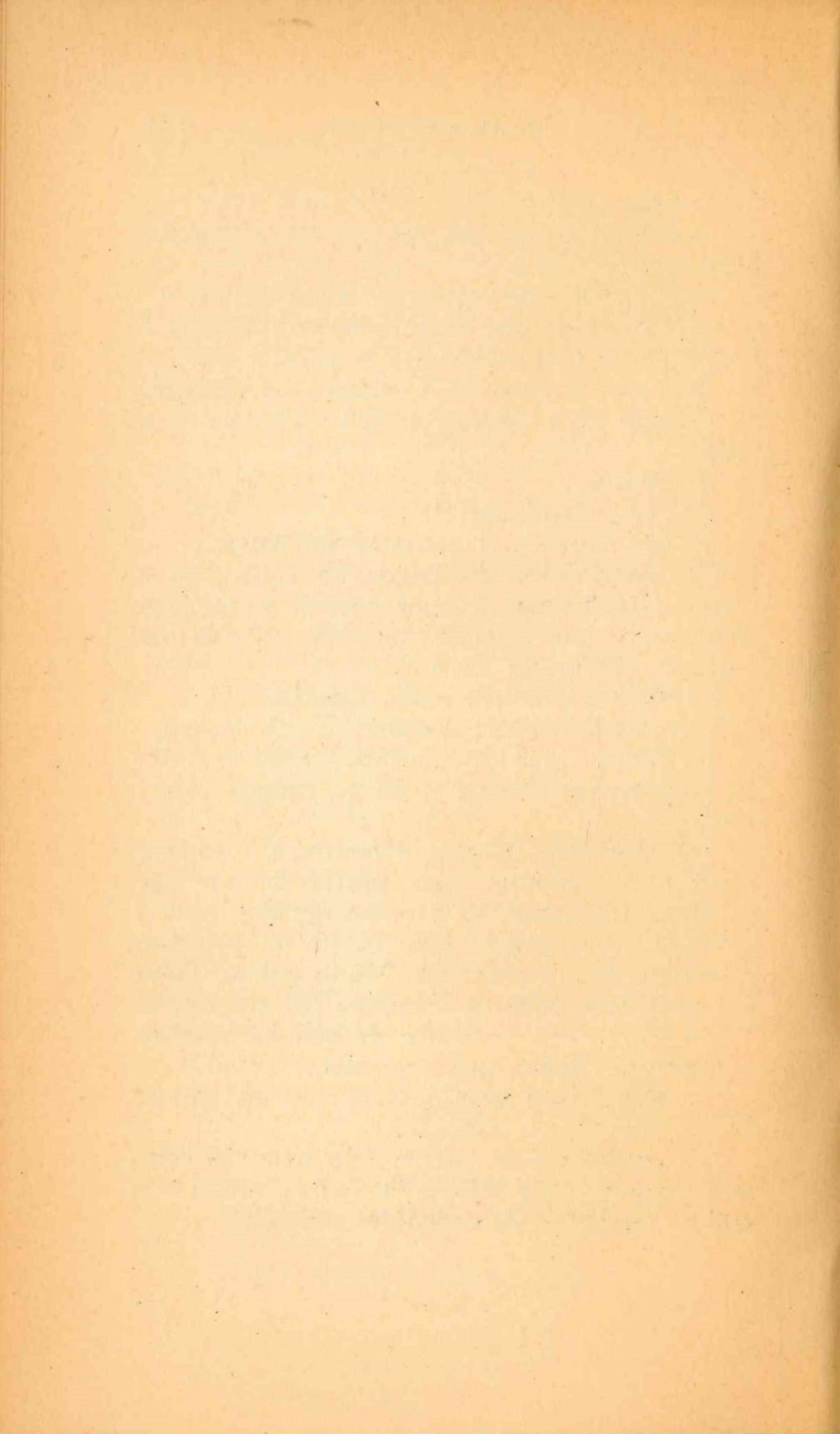
— Sabes... não te importes... acho que vou no comboio seguinte... Não te zangas, não? Peço-te!

Surpreendido, Daniel demorou a resposta; porém raciocinando, logo aquela decisão lhe pareceu inteligente. Ia a responder-lhe, mas a voz embargou-se-lhe. Um súbito e doloroso pressentimento o alarmara. Muito pálido, fixou as mãos dela. Mas já Deolinda lhe respondia:

— Uma pena, mas tive de mandar alargar a aliança... Sabes que engordei...

— Sim... bem vejo... Não, não me zango. Vai então noutro comboio.

O comboio dele partiu. Ela nem lhe acenou. Mas os seus belos olhos azuis, muito húmidos, seguiram-no enquanto puderam.



O PÃO DE CADA DIA

Tone logo pensou, ao ver a mãe meter a faca no pão: «Está hoje com o toco. Não cheiro ceia tão cedo.» E numa confirmação, a mãe veio com o pão e caiu sobre Tone, língua afiada, azeda que metia medo:

— Inda não é hora da ceia. Coma pão e é um pau. Ora o lorde!

Tone aguentou em silêncio. Se refilasse... Bem, se refilasse a mãe chegava-lhe, à certa, com o soco. Era preciso saber lidar com ela. Boa só a bem... Tone conhecia-lhe o génio: rebentava em mil coriscos, mas amansava logo. Por isso esperou que a mãe desabafasse, desse dois pontapés no mocho, lhe chamasse «odre» e «estes comedores são a minha desgraça». Esperou um bom minuto, até que resolveu arriscar, num cicio choroso:

— Mas eu venho mortinho de fome, mãe! Acredite...

Tocada, a mãe deixou apenas escapar um resmungo:

— E eu? Ora viram!

E redemoinhou, nervosa, olho cravado no rapaz. «E eu? E eu?»

Tone, uma criança, saíra de casa ainda com estrelas no céu. Era assim quase todos os

dias. O pai, carreteiro, ganhava a vida a transportar toros de pinheiro para as serrações da cidade. Tone, como filho mais velho, pegava à soga e ao lampião. Era assim há anos.

Ainda a mãe não havia silenciado os seus resmungos e já o resto da filharada lhe enchia a cozinha acanhada, de chão batido. Os irmãos de Tone vinham à babugem, como os peixes. Tone mal tinha entrado em casa. Os irmãos viram-no e não o largaram mais; foram-no seguindo, interesseiros, ou não soubessem que a chegada de Tone representava faca no pão. A mãe viu-se cercada e azedou. Desandando tabefes nos filhos mais novos, ia voltando aos seus resmungos: «Odres, comedores!» As crianças choramingavam, sabidas:

— A mãe deu ao Tone. Deu ao Tone, mãe. Ele está a comer. E nós queremos, mãe.

Desesperada, a mãe tentou resistir. Chegou bofetão mais pesado, praguejou, ameaçou: «Ai ele é disso, estafermos gulosos!» O filho Quim cantou grosso e apanhou com o soco. «Espera que eu te aqueço, comedor!»

— Deu ao Tone. Ele está a comer. Ai, ai, mãe! Ai que me deu num osso!

O soco andou no ar e do Quim correu até às raparigas. Mas a canalha não desistia. E a mãe deixou-se vencer. Arrepelou os cabelos, soltou um gemido, jogou o segundo soco à filharada, mas já amansava. As crianças não arredavam pé, e os olhos aguados, famintos, eram uma súplica que quebrava o coração. A mãe não teve outro remédio: meteu a faca no pão e cortou três buchas. Logo seis mãos tentaram filar a bucha maior.

Pão engolido, todos se sumiram. Ouviam-

-se agora falar lá fora, no quinteiro, perto da casota do cão.

Tone ficou só com a mãe. Tone ia dizer o que sabia, nem mais nada. Ia jurar a pé junto. Se a mãe lhe cascasse duro, paciência. Não ia agora perder as calças de cotim azul e as botas novas que o pai lhe tinha prometido. Ná!, que umas calças novas e mais as botas... Só ia dizer o que sabia. Se a mãe lhe cascasse... Bem, o soco só doía na ocasião; passava logo. Não que nem mais um migalhinho: ficou no se Gomes, pronto! Ela que fosse ver, que fosse cheirar ao se Gomes ou à venda. Enquanto mastigava, Tone fazia cara de alheado dos rodeios e longos silêncios da mãe. Mas Tone sabia bem o que queriam dizer os amuos da mãe. Estava era a preparar-se para lhe cair em cima, apanhá-lo distraído. Tone sabia que se houvesse osso na panela ou petisco na masseira, era ocasião para lho apanhar. Era só pedir e a mãe caía logo. A mãe estava mansa, e, além de mansa, queria ver se ele lhe contava. «Não que nem mais um migalhinho. Que fosse ver à venda. Ele não ia agora perder as calças de cotim azul e as botas novas.»

— Senhora... — chorou Tone.

A mãe fez que não ouviu. Tone deixou passar mais um migalho de tempo. Mãe e filho batiam-se em silêncio. Lá de fora, do quinteiro, nada. Nem o ladrar do cão. A voz da canalha calara-se também.

— Senhora...

— Diz, Tone.

— Eu venho mortinho, mãe. Venho mortinho de fome...

— Vou pôr a ceia ao lume, Tone.

— Mãe... a senhora tem ali na masseira...
Cheira, mãe...

— Cheira a sardinhas cruas, só se for.

— Asse uma, mãe. Uma ou duas. É que venho mortinho...

A mãe mediu-o demoradamente.

— E tu juras, filho?! Juras que não enganas a tua mãe?!

— Juro! Juro a pé junto! Acredite, mãe!

Ela voltou a sondar o rosto do filho. Enfrentou-o bem nos olhos. A testa enrugou-se-lhe. Tone parecia sincero.

— Se juras...

Tinha seis sardinhas fechadas na masseira. Era o petisco para a ceia. Fazia contas e as rugas da testa falavam das suas apreensões.

— Jura por esta luz, Tone!

— Por esta luz, mãe! Inda eu seja cequinho!

Parecia sincero e era um menino ainda, o seu Tone. Bem... acrescentava mais no caldo; era só mais um punhadinho de farinha; até ficava um caldo mais grosso. Era... um punhadinho de farinha... Os lábios da mãe descerravam-se outra vez e deixavam escoar um murmúrio resmungão que Tone conhecia. Tone ia comer as sardinhas. Era como se as tivesse já no papo. Tone começou por isso a mastigar o pão mais lentamente, a poupá-lo. Sardinha sem pão é comida de fidalgo. Tone gostava era de sardinhas com pão: uma dentada no pão por cada lasquinha de sardinha. E apesar de ter as sardinhas como certas, rematou ainda:

— Olhe que venho mortinho, mãe!

A mãe revolvía as brasas do borrarho. Decidira-se. Soprou o lume para o avivar. Mas logo a fumaça lhe chegou aos pulmões e a tosse a pôs num vermelhão, olhos inflamados. E Tone pensou: «Vai ficar outra vez de toco. Corna de fumaça!» E falando:

— Deixe lá, mãe. Eu sopro. Eu avivo o lume.

Caía a noite e na cozinha mal se enxergava já. No quinteiro, os irmãos de Tone impacientavam-se. Uma vaca mugia na corte e o cão latia, fomento.

— Vai lá ver, Quim. Vês o fumo? É a mãe a fazer comer pró Tone. Vai lá, Quim — falava, no quinteiro, uma das irmãs de Tone.

Quim porém mandou a irmã. Ele bem via o fumo saindo pelas telhas, mas não arriscava surtida à cozinha. Não que o soco pisava! Ainda se o pai aparecesse lá ao fundo, na curva do caminho... Só assim. Um deles correria à cozinha e, a pretexto de avisar a mãe, deitaria uns olhos para as brasas. Mas o pai não vinha tão cedo. Eles esperavam-no ali, ansiosos, mas sabiam que ele ainda demorava. O pai vinha sempre a que horas. Os filhos dormiam, quando ele chegava. E a canalha sabia que o pai vinha a que horas porque a mãe se punha a refilar para ele e ele para ela. Faziam muito alarido e os filhos acordavam cheios de medo. Dantes o pai vinha cedo, ou se vinha tarde era uma vez por outra. Agora não. E Tone chegava sempre adiante, com o gado.

— Anda, Quim, olha o fumo.

— E o soco? Não que ele dói!

— Cagão é que tu és. Um cagão!

— Chego-te mas é um sopapo, menina!

— Chega lá, ora viram !

Quim tirou o dedo do nariz e chegou um sopapo à irmã.

— Ora bufa !

E a rapariga, choramingando, meteu ao caminho, em direcção à curva. Ia na esperança de avistar o pai na estrada.

— Vou acusar ao pai. Vou acusar, vais ver.

— Vai à mãe, mijona ! Vai dizer à mãe que mijas na cama, vai lá !

Quim ficou só com a irmã mais novinha. Mas a outra depressa voltou. Chegada à curva, desistira. Sabia que o pai ainda demorava. Quando regressasse, talvez bêbedo, daria um par de pontapés no cão. Bêbedo, ele sempre cismava com o cão.

Dentro de casa, Tone avivava o lume. A mãe acendia a torcida do cochicho. Já mal se via. Através do janelo estreito, de vidros enegrecidos pelo fumo, passava uma réstia de luz. A fumarada negra do cochicho tresandava a petróleo queimado.

— Tone, vai espiar os teus irmãos. Não quero que eles vejam e fiquem ougados — disse a mãe.

Tone foi ver e veio logo, numa ânsia de devorar as sardinhas.

— Estão os três no quinteiro, mãe. A Zeza está a chorar. Se calhar foi o Quim que lhe cascou — disse Tone.

Sardinhas assadas, a mãe cortou duas rodelas de cebola e passou pelo petisco um fiinho de azeite. Para o filho :

— Avia-te, come lá isso depressinha. Não quero ougar os teus irmãos.

Tone comia as sardinhas. A mãe puxou um

mocho para junto do lume e caiu pensativa, cismática. De fora chegava-lhes o latir do cão e as vozes das crianças. Comido pelo lume gemia um graveto verde. Vivo, o fogo adiantava a ceia. O sino da igreja tocava a trindades, e como a igreja distava dois passos, o sino parecia tocar no quinteiro. À noite tombava, pesada. Ameaçava chover; o sol não despontara em todo o dia. No céu revolvido e baço atropelavam-se nuvens prenhes de água. Lá de baixo, do rio, e das terras fundas, onde vicejavam prados e campos alagados, despegava o nevoeiro. São Martinho ia ser engolido por mais uma noite de invernia, uma invernia sem vendavais rugidores, mas de humidade pingosa, insistente e gelada.

— Tone — falou a mãe —, tu passaste na ponte e bem podias ter descido ao ribeiro para lavares as gaitas aos bois. Bem podias ter feito isso, filho.

A voz da mãe era doce. Ela, à tardinha, com o negrume da noite a pesar e o sino a tocar a trindades, ficava sempre assim quebrada e doce. Tone sabia, e não respondeu. Era como se a mãe estivesse a falar só. Se Tone respondesse, ela nem ouviria. Era como se estivesse a falar para dentro de si. Quando, à noite, trazia os bois para casa, e o pai ficava pelo caminho, também Tone se sentia um pouco assim: como se viesse moído, mal podendo erguer o braço para a sogá ou pegar no lampião. Nem falava aos bois, pois até nelles Tone percebia o mesmo abatimento, o mesmo passo pachorrento e cansado. E a mãe era como os bois e como Tone. Tone sabia, todos os filhos sabiam: à noitinha, quando a mãe

viesses assim mansa, sem soco na mão, o corpo a pedir descanso no mocho, olhar tristonho e desgostoso, todos se faziam moucos às suas falas.

— Devias, Tone. Com um punhadinho de areia e uma esfregadela tu punhas as gaitas dos bois num brinco.

Atacado pelo fogo um cavaco retesou-se numa chiadeira, estalou seco e voou, num rompante, para o chão batido. E a mãe abandonou a postura. Largou o mocho e foi arrastar, com a biqueira do soco, o cavaco para debaixo do panelo. Tone, atento, deu pelo voo do cavaco. A mãe não voltou a alapar no mocho. «É agora — pensou Tone —, agora é que vai ser.» A mãe levantou a tampa da masseira e retirou a saca da farinha. Voltando ao panelo, levantou o testo e espreitou, enxergando mal entre uma nuvem de vapor; então, contou dois punhados de farinha e fez o acrescento ao caldo. «Vamos ter papas outra vez — pensou Tone. — Só papas, sempre papas!» Com a ajuda do joelho a mãe quebrava agora um graveto em pequenos pedacinhos e metia-os no lume. Ela calculava com a maior precisão a lenha necessária para aquecer a ceia. Nem um graveto a mais. Nem mesmo um pedacinho de graveto.

Tone ia na segunda sardinha. Os olhos luziam-lhe de prazer. Nem uma migalha lhe caía no chão.

— Mãe... só mais um fiinho de azeite. Assim a seco até nem sabe...

E a mãe deixou que a garrafa chorasse mais duas lágrimas de azeite e cortou ainda uma rodela de cebola.

— ... E sal, mãe. Só três pedrinhas de sal...

Inesperadamente o cão ladrou lá fora. A argola da corrente arrastou-se ao longo do arame que cruzava todo o quinteiro. Pelo ladrar furioso do cachorro, alguém devia ter assomado ao portal; e não era nenhum dos filhos com certeza. A mãe correu ao janelo e tentou esfregar um dos vidros encardidos. Espreitou. Ninguém. Apenas os três filhos e o cachorro às guinadas no arame.

Tone sentia a mãe prestes a desfiar o interrogatório temido. «É agora, agora é que vem o padre-nosso.» Sôfrego, engoliu o resto da sardinha. Ia escapulir-se, mas arrependeu-se. Resignado, sentou-se. Não ia fugir assim.

— Tone — começou a mãe, suplicante — diz lá, Tone. Não me enganes mais.

— Não engano quê, senhora?

— Diz lá onde se meteu o teu pai. Jura, Tone!

— Eu... eu... ora viram! Eu não sei, mãe! Inda seja ceguinho que não sei!

— Tu vinhas com ele. Saíste daqui às cinco da manhã e andaste todo o santo dia com ele. Vais com o teu pai para toda a parte e sabes dos passos que ele dá, Tone! Tu sabes, Tone!

— Eu... eu cá... a senhora vem com cada uma! Juro que não sei, mãe! Ele só disse que viesse adiante com o gado... Ele disse que tinha de falar ao se Gomes barbeiro... É só o que sei, mãe... Acredite!

Numa dúvida, a mãe ficou um instante pensativa e desviou os olhos para o fogo. Falou depois mais manso, mais suplicante:

— Tone, tu não devias enganar assim a tua mãe. Olha que eu é que te dei de mamar

em pequenino, Tone! Eu é que te tive! Eu é que tive as dores para tu nasceres, filho! Não foi ele, não. Tu não devias enganar assim a tua mãe!

Tone ficou mudo. O coração batia-lhe aos pinotes. Apetecia-lhe chorar. Não resistia à mãe quando a via assim infeliz e suplicante. Mas também não podia perder as calças de cotim azul e as botas novas. Ia meter um vistazo logo que as tivesse.

— Tone, meu filho, jura lá, não faças penar mais a tua mãe: nunca ouviste nada, nenhum murmúrio? Tu é que sabes dos passos que ele dá. Tu sabes tudo, Tone!

— Eu? Mas eu já disse!

— Jura lá: nunca ouviste nada, nem um nadinha? Tu desconfias, Tone?

— Eu... mas desconfio o quê, senhora?

— Do que se murmura lá por fora. Eu sei que se murmura. Tenho a certeza, Tone! A certeza, ouviste?! Há anos que se murmura! Há anos! Ele é um desalmado, um homem sem vergonha. O teu pai perdeu-se, filho!

— O pai...?

— Sim, sim! E tu sabes de tudo, Tone! Tu sabes daquilo que se diz dele! Jura lá, anda, jura aqui por esta luz!

— Mas eu juro, mãe! Juro a pé junto! Inda eu seja ceguinho!

— Jura que inda vejas amanhã todos os teus irmãos mortos e a casa em cinzas, Tone!

— Juro!

A mãe suspendeu-se, ansiosa. Impossível que o seu Tone fosse tão velhaco. Ele era ainda uma criança, era ainda um menino! Impossível! Oh, Deus do céu!

— Ele deixou de ir à venda, Tone. E dantes estava sempre lá metido...

— Dantes estava, mãe. Juro.

— Mas deixou de lá ir, filho. E tu sabes muito bem por que deixou de lá ir! Tu sabes isso tudo, Tone! Não enganes a tua mãe! Não me mintas! Tu sabes que ele anda metido com a se Ana... Jura outra vez por esta luz, anda lá! Toda a gente diz isso...

— Juro a pé junto e por esta luz... Eu não sei lá nada do pai andar metido com a se Ana... Acredite, mãe! Só sei que ele há que tempos que não vai à venda. Se soubesse mais eu contava à mãe...

Desatinada, a mãe cresceu para Tone. As mãos tremiam-lhe e os olhos incendiavam. A voz era um ganido.

— Tu mentes, estafermo! Mentas com quantos dentes tens na porca dessa boca! Mas eu racho-te, maldito! Eu racho-te de pancada!

Tone apavorou-se e todo o seu corpo de criança começou a tremer. Loucos, os olhos cresceram e as lágrimas rebentaram, graúdas e silenciosas. Levantou as mãos para a mãe. E eram umas mãos implorantes. Agora tinha medo de confessar. Não pensava nas calças de cotim azul e nas botas novas, mas estava aterrorizado de mais para confessar.

— Eu juro, mãe! Inda eu seja ceguinho que não sei de nada! Se soubesse eu contava à mãe!

Cega, perdida, a mãe não viu as mãos erguidas do filho Tone e empunhou o soco. Mas Tone, apesar de apavorado, foi mais rápido que ela. Ele sabia bem quanto o soco doía

e como a mãe cascava duro. Tone deu dois pinchos e alcançou a porta. O soco voou rente à sua cabeça.

— Não me fujas, odre! Comedor que me roubou a ceia! Melhor eu te abafasse quando te tive, maldito! Mas eu racho-te, desgraçado! Pela alma da minha mãe que te racho!

E Tone, de longe, já com os irmãos a rondá-lo:

— Mas eu juro, senhora! Eu já disse que juro!

Era quase noite e caía uma chuvinha teimosa e gelada. Socos arrastavam-se no cascalho do caminho e o cão voltou a ladrar. A cidade, que se via ao longe, estava já iluminada. Tone e os irmãos não ousavam entrar em casa. Esperavam. Eles conheciam a mãe. «Que foi, Tone, que foi? Tone, nós vimos o fumo, Tone. Tu comeste sardinhas, Tone. A mãe só dá a ti, Tone.» E Tone dizia que não tinha comido nada. «Vocês não viram eu a fugir? Comi nada.»

Em casa a mãe parecia amansar. Esfalfava-se em alta grita e logo serenava. Era sempre assim. Tone e os irmãos sabiam muito bem. Foram por isso espiar, cautelosos, quando deixaram de ouvi-la. Arriscaram-se até à porta da cozinha. A mãe, sentada no mocho, mãos abandonadas no regaço, fitava tristemente o lume e parecia chorar lágrimas cor de sangue. Entraram. Ela já não batia. A mãe era sempre assim.

I N D I C E

Mãe	9
O cão danado	23
Maria - É - Rei	41
O muro	59
Retratos	71
Um homem e outro homem	93
O pastel de chila	109
Fim	125
O pão de cada dia	133

1712

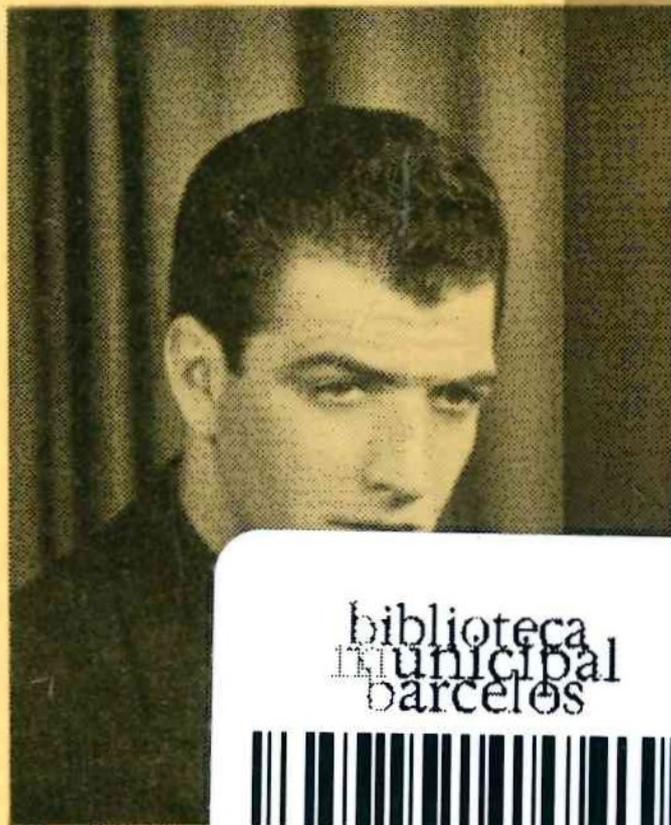
TIRAGEM COMPROVADA PELA
SOCIETY PORTUGUESA
DE ESCRITORES

coleção autores portugueses

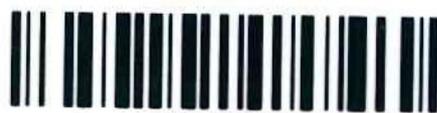
Fernando Lopes nasceu em Dezembro de 1929, em Barcelos. Começou muito novo a interessar-se pela literatura, tendo escrito as suas primeiras histórias para um semanário local. Em 1957 publicou o livro de contos «Conflitos».

MARIA-É-REI reflecte um mundo de cidadezinha provinciana e de aldeia de arrabalde, com personagens que lutam encarniçadamente pelo pão de cada dia, gente para quem noções tais como «dignidade humana» têm um sentido nada literário.

A expressão literária do Autor não é regionalista, antes se esforça por apreender o pormenor humano, em detrimento do pitoresco. Os contos de MARIA-É-REI ultrapassam os limites locais provincianos, para revelarem pessoas na humanidade dos seus sentimentos autênticos, embora primários.



biblioteca
municipal
barcelos



57033

Maria-é-rei

Preço deste volume 15\$00